

CINTIA MARIA VASQUES

*PROCESSO CRIATIVO DO ARTEFATO 'BARRIGA
GRÁVIDA': UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A VIVÊNCIA DE
PARTE DA CONCRETUDE BIOLÓGICA DA GRAVIDEZ
PELO HOMEM/PAI*

CAMPINAS

2002

CINTIA MARIA VASQUES

***PROCESSO CRIATIVO DO ARTEFATO 'BARRIGA
GRÁVIDA': UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A VIVÊNCIA DE
PARTE DA CONCRETUDE BIOLÓGICA DA GRAVIDEZ
PELO HOMEM/PAI***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do Título de
Mestre em Enfermagem.*

Orientadora: Prof^a Dr^a Antonieta Keiko Kakuda Shimo

CAMPINAS

2002

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

V444p Vasques, Cíntia Maria
Processo criativo do artefato “barriga grávida”: uma contribuição para a vivência de parte da concretude biológica da gravidez pelo homem/pai. / Cíntia Maria Vasques. Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador : Antonieta Keiko Kakuda Shimo
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Paternidade. 2. Maternidade. I. Antonieta Keiko Kakuda Shimo. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

À memória de meu pai

José Germano Vasques

À memória de minha mãe

Noêmia Abdala Vasques

*A vocês, que foram mestres na ciência
de viver e que sempre me deram
coragem para lutar, alento para o
estudo e esperança para o futuro...*

*A vocês que, ao me darem a vida, não
me imaginaram capaz de um dia
ajudar a salvar vidas...*

A vocês pais,

*Meu carinho, minha homenagem e
eterna gratidão.*

*Dedico este trabalho a minha filha Maria Clara,
cuja simples existência transforma-se na razão
do meu viver, sonhar e amar.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante em minha vida;

A minha orientadora Prof^a Dr^a Antonieta Keiko Kakuda Shimo, que com muita paciência aceitou terminar comigo essa caminhada;

Aos professores do Curso de Mestrado;

Aos colegas do curso de Mestrado;

Aos funcionários da secretaria de Pós-Graduação em Enfermagem.

A todos os funcionários do Departamento de Enfermagem, que sempre nos receberam com muito carinho e calor humano

A minhas amigas, Luciana Scheneider e Raymunda Vianna Aguiar, pela ajuda, incentivo e assessoria artística;

A minha irmã Adriana e minha tia Nair, pela compreensão, disponibilidade e apoio, fundamentais para a realização de mais uma etapa de minha vida profissional.

“CRIAR É ...

Soltar a alma, comungando com o mundo e daí...

Acontece o milagre já há muito planejado pela mente.

A partir da conexão e integração de nossos canais de comunicação e de intuição.

Do que emerge do fundo d’alma: o equilíbrio, a harmonia.

O amor buscado e perseguido e que talvez poucos conseguiram viver por inteiro.

Que bom é Ser cada momento único! Deixar fluir o eterno.

Abrir-se à palavra...embora difícil.

Quando se acha que nada se pode fazer,

O belo emerge de dentro de nós.

Temos a responsabilidade de fazer o melhor com alegria e amor.

O amor , que consolida tudo que é eterno.”

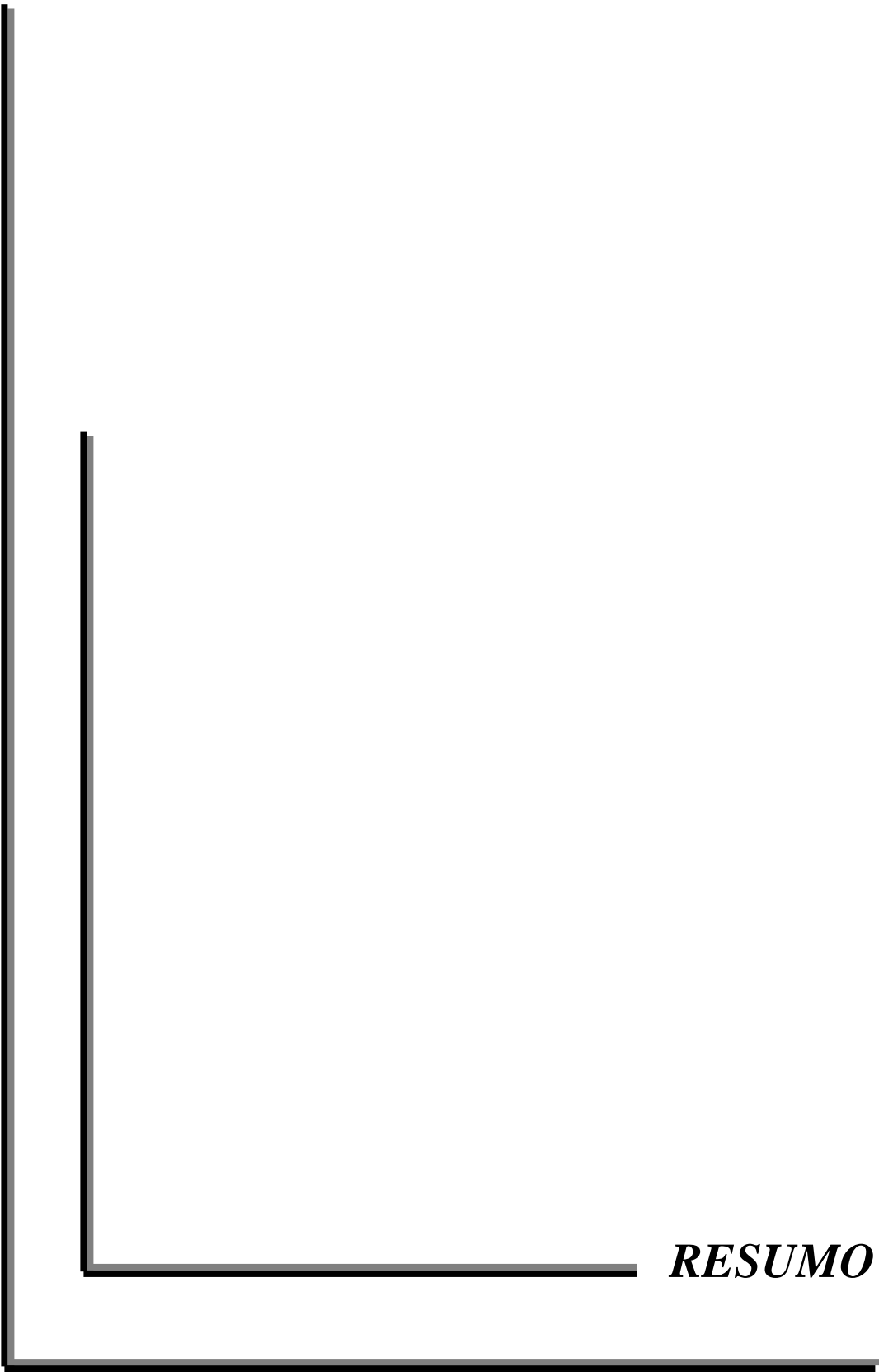
**(Grupo de Educadores para a Paz, Pierópolis,
1996)**

	PÁG.
RESUMO	<i>xi</i>
ABSTRACT	<i>xiii</i>
1 – INTRODUÇÃO	15
2 – OBJETIVOS	21
3 – REVISÃO DA LITERATURA	23
3.1- Maternidade, Paternidade e Gênero.....	24
3.2- A Gravidez do Homem e da Mulher.....	29
4 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	33
4.1- Definições.....	34
4.2- Processo Criativo.....	38
5 – MATERIAIS E MÉTODOS	42
5.1- Cenário da Pesquisa.....	43
5.1.1-Descrição do local de trabalho	43
5.1.2- Características da População envolvida no Processo de Criação.....	43
5.1.3- Condições do teste inicial.....	44
5.2- Trajetória do Processo Criativo.....	44
5.3- Materiais Utilizados.....	48
5.4- Avaliação de Protótipos.....	49
6 - RESULTADOS	50
6.1- Protótipo da Barriga Grávida Tipo 1.....	51
6.2- Protótipo da Barriga Grávida Tipo	54

6.3- Teste Inicial.....	55
6.4- Cuidados para manutenção do protótipo.....	57
6.5- Indicações para Uso.....	58
7- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	60
8- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
9- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

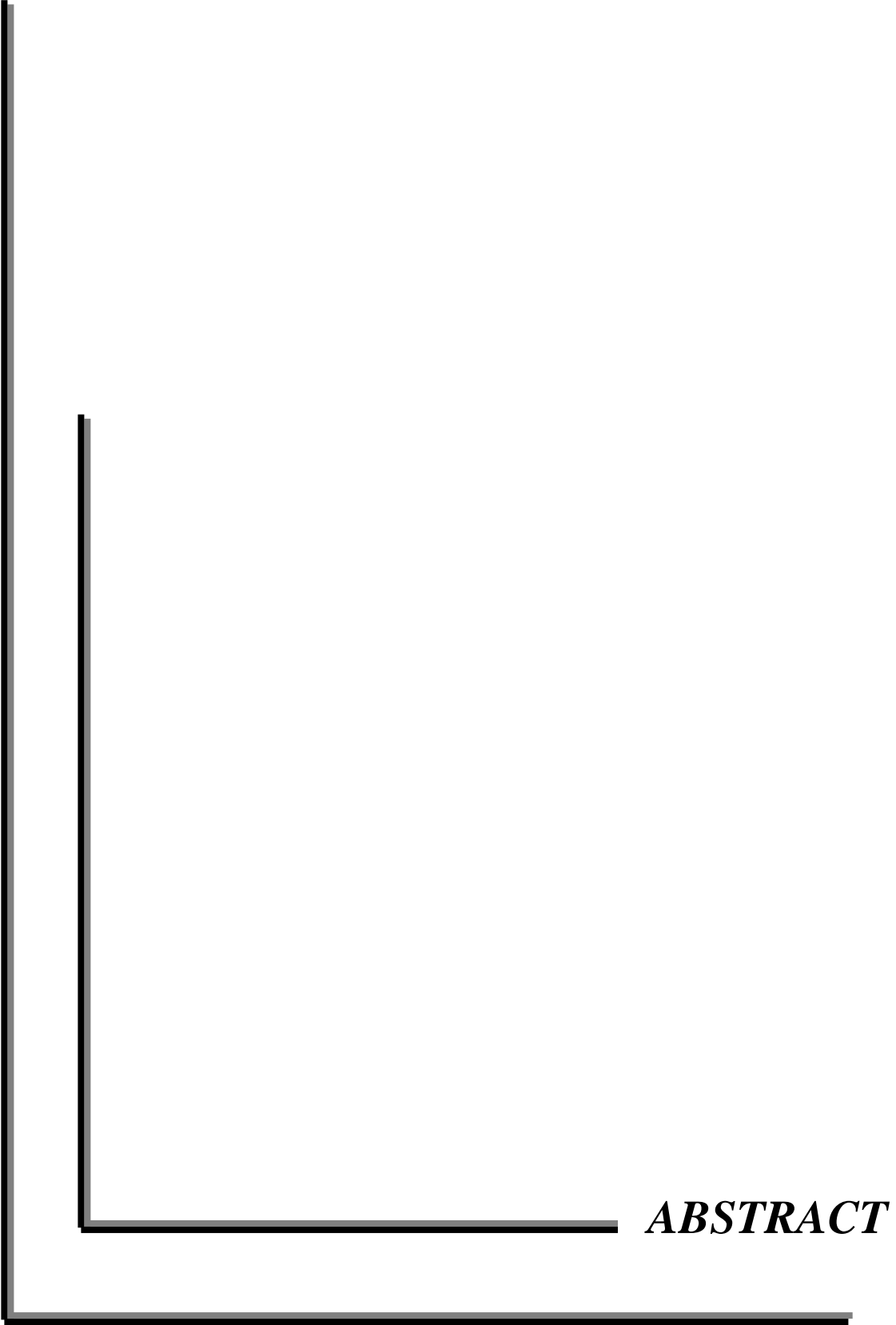
LISTA DE FIGURAS

	<i>PÁG.</i>
FIGURA 1 Protótipo da ‘Barriga Grávida’: visão anterior.....	51
FIGURA 2 Protótipo da ‘Barriga Grávida’: visão posterior mostrando alças, tiras e botões como foram confeccionados.....	52
FIGURA 3 Protótipo da ‘Barriga Grávida’: visão lateral, mostrando gomos Laterais, parte das alças e tiras.....	52
FIGURA 4 Foto mostrando modo de uso da ‘Barriga Grávida’.....	53
FIGURA 5 Protótipo da ‘Barriga Grávida’ tipo 2.....	55
FIGURA 6 Foto de homem usando a ‘Barriga Grávida’- protótipo 2 - Durante uma sessão do curso de preparo para o parto.....	56
FIGURA 7 Foto de homens usando a ‘Barriga Grávida’ – protótipo 2 –durante uma sessão de relaxamento do curso de preparo para o parto.....	56
FIGURA 8 Foto mostrando uma sessão de preparo para o parto, na qual a instrutora está usando a ‘Barriga Grávida’ juntamente com os casais.	57



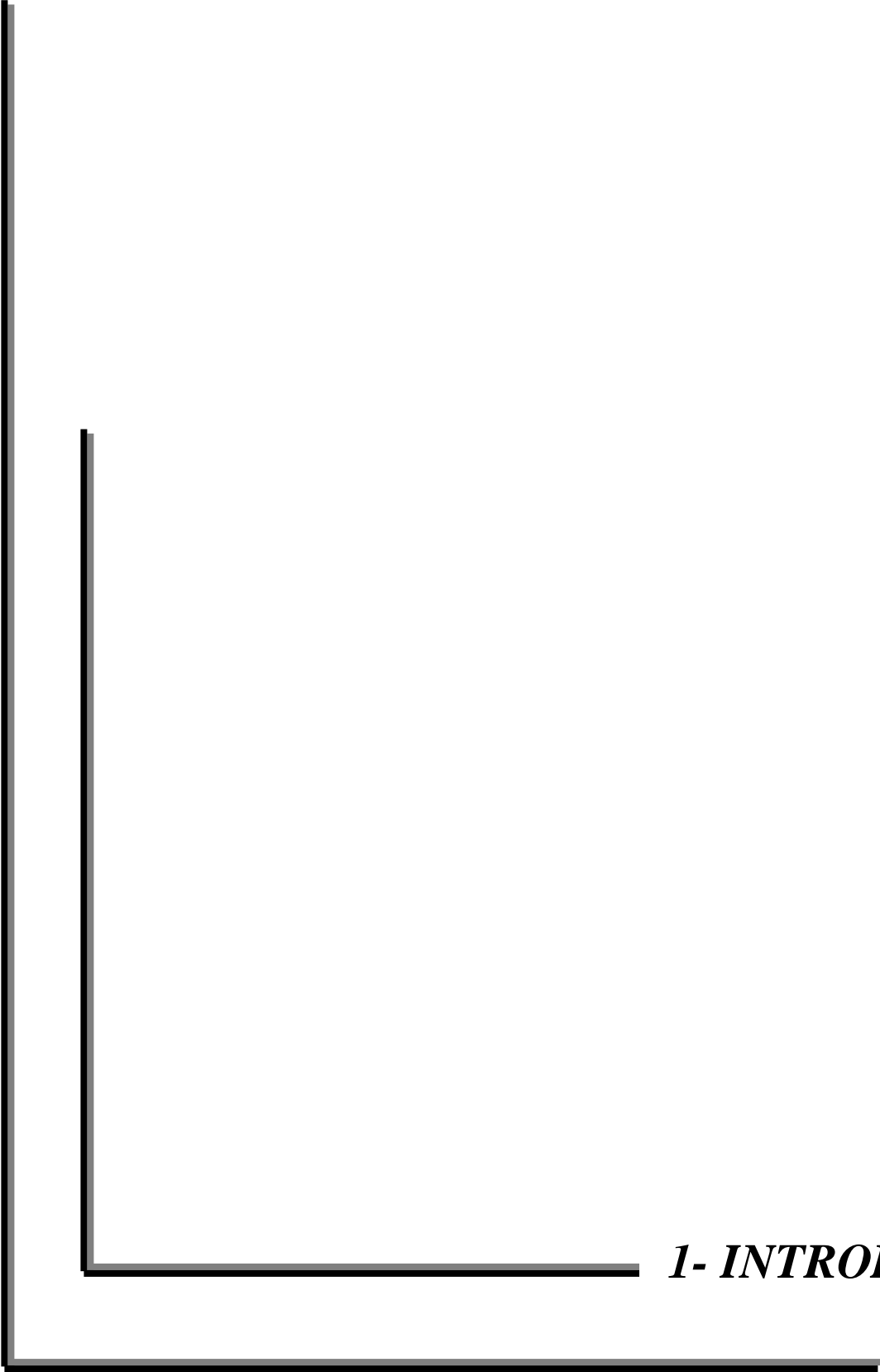
RESUMO

O presente estudo foi motivado por observações não sistematizadas da participação de casais grávidos durante cursos e oficinas de preparo para o parto. Observamos a admiração do homem pela barriga grávida de sua companheira, e também sua necessidade de melhor apreender e compreender a concretude biológica de estar gestando um filho. O objetivo deste estudo foi criar um artefato que simulasse uma barriga grávida, para que, mediante seu uso, o homem sentisse parte da concretude biológica de estar gestando um filho, e também se identificasse com a companheira grávida. O processo criativo foi o referencial teórico e fundamentou o percurso mental para elaboração técnica do artefato criado. Fizemos uma revisão sobre maternidade e paternidade no contexto atual, tentando trazer à tona o significado da barriga grávida para o homem / pai, podendo, assim, contribuir para o exercício da imaginação e da paternidade por meio do uso de um artefato. Traduzimos na metodologia o trajeto percorrido pelas fases do processo criativo apresentadas por KNELLER (1978), por se assemelharem aos passos por nós elaborados e vividos, tornando mais didática a descrição da criação do invento em questão. Obtivemos como resultado a confecção de dois protótipos, dos quais o segundo atingiu as dimensões e o peso desejados, simulando uma barriga grávida compatível com final de gestação. Seu uso teve boa aceitação pelos profissionais e casais que inicialmente o testaram. Considera-se que futuras pesquisas poderão ser feitas com a utilização desse invento.



ABSTRACT

This study was motivated by observations of the pregnant couples during prenatal classes. We observed the admiration that the man had by his wife's pregnant belly, and also his need to get more understanding regarding biological and physical condition of being pregnant. The main objective was to create an invention, which could simulate a pregnant belly to help the men to feel part of biological and physical condition of being pregnant, and also to identify themselves with their wives, as well. The creative process was our theoretical concerning and gave bases to the technical elaboration of this invention. We had done revision of bibliography giving emphasis to fatherhood and motherhood at nowadays context, trying to bring the meaning of the pregnant belly to the man/father. Some how, it could contribute to the fatherhood concepts through the invention usage. Our methodology followed the steps presented by KNELLER (1978), because its run toward the steps lived by us, becoming more didactic the description of the invention. The result was the confection of two prototypes, of which the second reached measurements and weight desirable, simulating a pregnant belly compatible with forty weeks pregnancy. The utilization of this invention had great acceptance among professionals, and couples who had first tested it. We think that research could be done using this invention in the future.



1- INTRODUÇÃO

Desde 1986, quando terminamos nossa Especialização em Enfermagem Obstétrica e Obstetrícia Social, promovemos oficinas e ministramos cursos em que casais são preparados, para o parto (na maioria de classe média e classe média alta, com nível de escolaridade entre médio e superior) especificamente no período pré-natal. Ao longo desses quinze anos observamos fatos que nos preocupavam e alertavam para a precariedade dos serviços de pré-natal. Questões tais como: assistência voltada somente à barriga grávida; falta de informação das mulheres em relação à importância do pré-natal, falta de compreensão quanto a todo o processo de nascimento dos filhos, ausência quase que total do homem durante as consultas; enfim, nenhum tipo de preparo ou conscientização a respeito de maternidade e paternidade.

Nossa maior preocupação e reflexão durante esses anos de trabalho esteve voltada para a saúde dos casais que geram, dão a luz e desempenharão os papéis de pai e mãe. Também nos chamava atenção a presença mais constante e atuante do homem/pai durante a gestação e o parto, principalmente nos últimos seis anos, quando nosso trabalho se voltou quase exclusivamente para casais grávidos. Maternidade, paternidade e seus paradigmas tornaram-se temas de nosso interesse e vêm acompanhando-nos desde então.

SILVEIRA (1998) relata profundas mudanças sociais, nas quais os tradicionalmente excluídos (neste caso, os homens em relação à maternidade), buscam afirmar suas diferenças e o direito ao respeito e igualdade de condições. Refere que a reformulação da educação infantil e das políticas adotadas a partir do final dos anos 80 mudou a realidade da mulher trabalhadora através da Lei nº 9394/96: Estabelecendo diretrizes e bases da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica a ser oferecida em creches, para crianças de 0 a 3 anos, e pré escola para crianças de 4 a 6 anos, introduz-se a formação de um serviço de atendimento à infância com a marca de substituto materno, contribuindo mais ainda para a inserção maciça da mão de obra feminina, e o desemprego, que atingiu grande contingente masculino, lançou os homens para a atividade informal ou mesmo, para o espaço doméstico. Isto contribuiu para que o homem começasse a discutir e reivindicar uma nova identidade, não desejando ser somente o provedor familiar, mas afirmando sua sensibilidade e capacidade de acolher e cuidar.

Certamente, o exercício da paternidade é um tema que está entrando na ordem do dia, também na perspectiva da necessidade de políticas públicas. Tanto a Conferência Mundial de População e Desenvolvimento, de 1994, como a Conferência Mundial da Mulher, de 1995, ambas organizadas pelas Nações Unidas, ressaltaram em seus documentos básicos a necessidade de os Estados Membros enfatizarem a responsabilidade masculina para o exercício da sexualidade, seja em suas conseqüências reprodutivas, seja do ponto de vista de doenças sexualmente transmissíveis (SILVEIRA, 1998).

Mais especificamente a partir de 1996, começamos a atuar na coordenação e como instrutora em cursos de preparo para o parto, oferecidos pelo hospital privado onde trabalhávamos. Passamos a observar e vivenciar o interesse acentuado e a participação dos companheiros grávidos nas oficinas e cursos, e o quanto essa presença trazia harmonia e tranqüilidade para as mulheres, durante a gestação, trabalho de parto, parto e puerpério. Começamos a nos interessar pela figura do homem e reconhecer sua importância no contexto da maternidade.

Realizamos um estudo entre 1996 e 1997, em que participaram 47 casais do curso de preparo para o parto, onde ocorriam as oficinas e os cursos. Neste estudo, aplicamos questionários durante a primeira semana de pós-parto, onde a mulher relatava sinais ou sintomas que caracterizam depressão pós parto. Chegamos a resultados surpreendentes que mostravam sintomas da depressão pós-parto apenas em 22,11% das mulheres, contra uma média de 50% a 80% das mulheres com sintomas de depressão durante a primeira semana de pós-parto, relatada pela literatura. Os resultados foram apresentados apenas para a administração da instituição, como um argumento para obtenção de recursos, visando a manutenção dos cursos.

Isto nos fez refletir quanto à importância de se realizar cursos de preparo para o parto, e também sobre a presença constante do companheiro durante o processo grávido-puerperal.

VIZZOTO (1994), cita: “*Observamos o quanto a participação do homem é de fundamental importância nesse período, tanto pelas reações que suscita, como pelo fato de a criança que está sendo gerada ser fruto do par parental*”. Para ela, a participação mais efetiva do futuro pai em grupos de orientação depende de uma gama de variáveis internas, o

que podemos traduzir como conflitos primitivos que emergem nesse período, elementos da identidade individual, e são mobilizados dependendo da história pessoal de cada pai, podendo gerar reações sintomáticas e/ou alterações do comportamento (alterações no sono, no estado de ânimo e atividade sexual). A participação do homem/pai depende também de variáveis externas, as quais são, aspectos referentes a fatores sócio culturais como por exemplo: tabus da nossa sociedade ocidental que designam o filho-bebê como sendo produto só da mãe. Assim, concordamos com SILVEIRA (1998) que refere que a construção dos elementos da identidade precisa ser garantida desde a mais tenra infância, meninos e meninas interagindo e construindo conhecimentos e afetos, buscando romper com a lógica dominante, fragmentária, segregacionista e discriminatória.

Muitas vezes tivemos a oportunidade de admirar a atitude afetuosa dos homens ao tocarem e até mesmo se recostarem na barriga de suas mulheres. Percebíamos um misto de alegria, contentamento e surpresa, principalmente quando o bebê fazia algum movimento dentro do ventre materno.

Para CASTELAIN & MEUNIER (1993), a paternidade depende das relações com a mulher e a maternidade e o homem tem que dar provas de sua imaginação para exercer sua paternidade. Para BELLOTI (1987, p.7), *“da mesma forma o homem, para ouvir aquilo que a mulher tem para dizer sobre si mesma, deve senti-la igual a si”*.

Ao conhecermos as idéias desses autores, nós, mulheres, ficamos ainda mais sensíveis à admiração daqueles homens pela barriga grávida de suas companheiras; de certa forma nos sentíamos culpadas por todos esses anos em que temos excluído o homem de um sentimento de poder sobre a barriga grávida, que também pertence a eles.

ABREU & SOUZA (1999, p.38) *“acreditam que a paternidade também se constrói na medida em que o homem participa da gravidez e a percebe enquanto a barriga cresce”*. Essas autoras referem que, até o momento, poucas são as instituições onde os pais podem acompanhar o parto; apesar de os profissionais de saúde afirmarem que a assistência da mulher deve ser holística, na maioria das vezes o contexto familiar é ignorado e ainda pouco se sabe a respeito do pai e de seus sentimentos com relação ao ciclo gravídico-puerperal de sua companheira.

Há vários graus de participação do homem na gravidez. Por não ter bebê dentro de si, comumente ele não consegue criar um vínculo muito concreto e sólido com o filho que ainda está sendo gerado. A ‘gestação’ do vínculo pai-filho costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento; na medida em que a criança se desenvolve, “o homem sente-se excluído por não poder participar diretamente do contato com o filho que está sendo gestado”. (MALDONADO,1990, p. 12)

A escolha desta temática deveu-se a muitas dessas observações associadas a comentários dos homens sobre a vontade de *experenciar e possuir aquela barriga*. Partindo da idéia de que uma ‘barriga grávida’ artificial poderia auxiliar no desenvolvimento da paternidade, sendo um recurso destinado à educação e sensibilização de profissionais, pesquisadores e dos próprios casais, iniciamos a criação desse artefato, cujo objetivo principal é oportunizar ao homem, mesmo em parte, experienciar a concretude biológica de gestar um filho.

Deveríamos criar e desenvolver um artefato que simulasse uma ‘barriga grávida’, com dimensões e peso próprios de final da gestação; o uso dessa criação evocaria no homem/pai sensações e sentimentos que o introduziriam mais concretamente no processo de gestação, conduzindo-o a uma maior identificação com a mulher grávida.

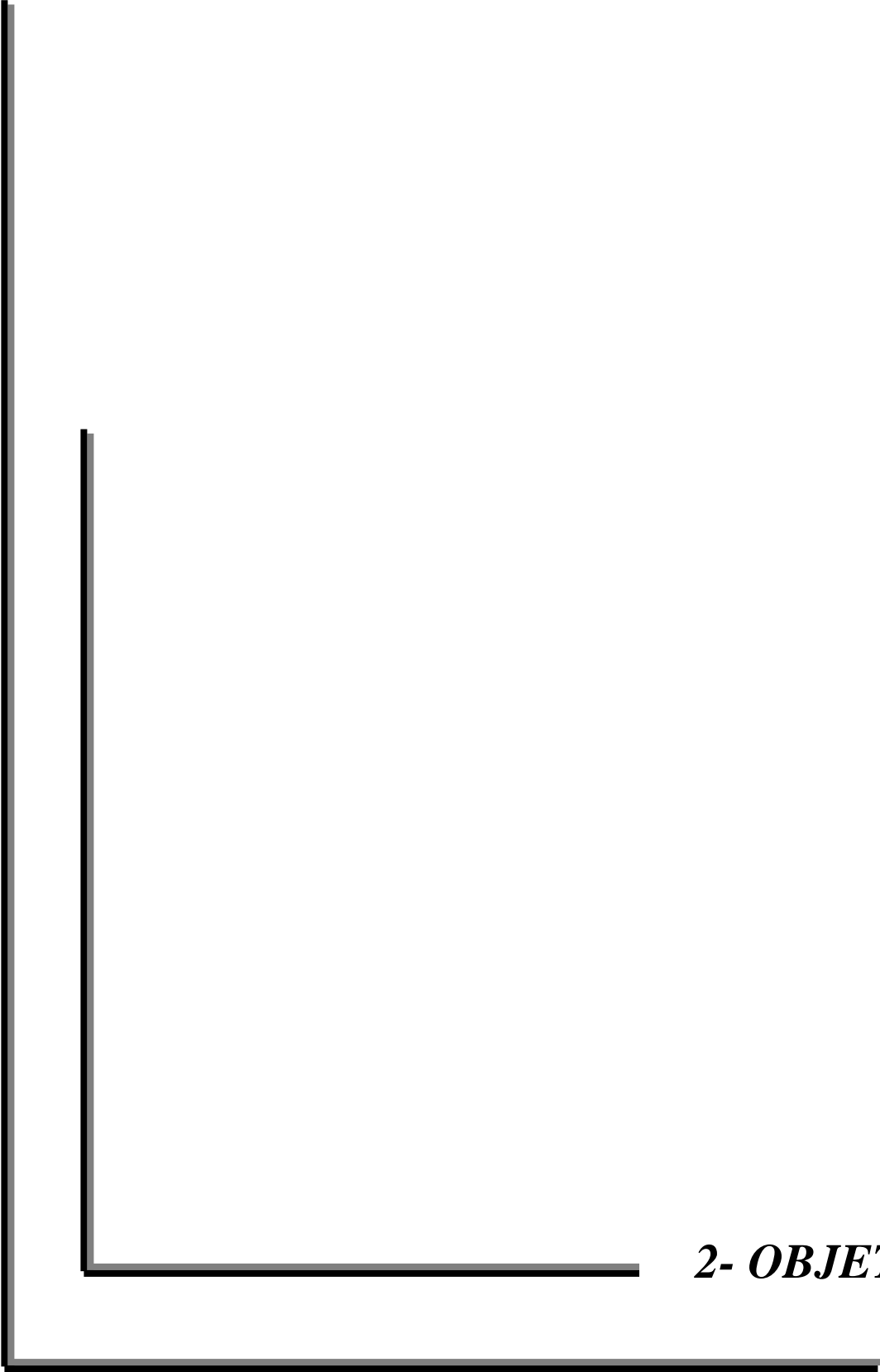
O compartilhar da ‘barriga grávida’ é um aspecto positivo que certamente contribuirá na modificação de alguns estereótipos sobre paternidade e maternidade, na medida em que possibilitará aos homens vivências similares em relação ao aumento da barriga, experimentadas pelas mulheres no decorrer da gravidez, principalmente no último trimestre. Nessa fase o peso do abdome leva a uma lordose mais acentuada que provoca a necessidade de determinadas posturas para suportar o peso e movimentar o corpo nos afazeres mais simples do cotidiano

Com o intuito de fundamentar nossas reflexões, apresentaremos uma revisão sobre maternidade e paternidade, enfatizando principalmente seu contexto atual, ou seja, como o homem é visto e como exerce sua paternidade no presente; o pano de fundo foi a abordagem de gênero. Alicerçamos o estudo no processo criativo de um artefato que, imaginamos, ajudará os homens a explorarem seus sentimentos em relação à gestação,

contribuindo para uma melhor aproximação com a sua companheira e de forma mais precoce, na construção de vínculo pai e filho.

A realização desse estudo pretende abrir perspectivas para outros estudos de profissionais das áreas de saúde e social, no que se refere a paternidade e a maternidade. Também visa contribuir com a prática desses profissionais, haja vista tratar-se da criação de um artefato que pode ser utilizado como recurso didático ou instrumento de intervenção em pesquisas e em dinâmicas realizadas com grupos de casais.

Há poucas publicações sobre inventos na área da enfermagem. Na prática, entretanto, é de conhecimento que no ambiente de trabalho os enfermeiros estão constantemente criando e adaptando recursos e condições principalmente quando não há material ou equipamento adequado para assistência, mas não publicam essas experiências. O presente estudo serve como um incentivo para que os enfermeiros registrem, aperfeiçoem, publiquem e utilizem essas invenções, contribuindo desta maneira para o desenvolvimento do cuidar em enfermagem.



2- OBJETIVOS

GERAL:

-Criar um artefato que simule uma barriga grávida para auxiliar o homem a experienciar, em parte, a concretude biológica da gravidez e identificar-se com a mulher grávida.

ESPECÍFICOS:

- Descrever o processo de criação do invento ou artefato que simule uma barriga grávida, fundamentado em processo criativo.
- Discorrer sobre o material utilizado para a confecção dos protótipos.
- Descrever as fases de elaboração dos diferentes protótipos criados.
- Apresentar as formas e indicações de uso da ‘barriga grávida’.
- Observar a percepção inicial dos homens, sobre algumas modificações da gravidez, frente ao uso do artefato ‘Barriga Grávida’.



***3- REVISÃO DA
LITERATURA***



***3- REVISÃO DA
LITERATURA***

3.1-MATERNIDADE, PATERNIDADE E GÊNERO

Nos tempos primitivos, a mulher era considerada a única responsável pela procriação; a descoberta da participação masculina nesse processo resultou na constituição da família. A relação sexual adquiriu caráter de exclusividade e afeto e o homem passou a dar mais importância aos filhos pela própria noção de preservação da espécie (BOTTURA JÚNIOR, 1998). O homem vivia com sua família, mas temia que alguém se aproximasse e roubasse seus filhos, seu afeto, seu espaço e seus bens. Em muitas culturas, o filho homem era mais valorizado por servir de instrumento de proteção e dar continuidade ao nome da família.

Segundo BOTTURA JÚNIOR (1998), a dominação do homem sobre a mulher, carregada até hoje, provém dos diferentes valores e significados atribuídos ao homem e à mulher no decorrer da história da nossa sociedade. Quando, por exemplo, educavam-se os filhos para que servissem ao pai, havia a visão de que aquilo era o melhor para se oferecer a eles. Não existia maldade, nem má intenção, por trás desses comportamentos.

CHODOROW (1990) afirma que, no correr dos poucos séculos passados, mulheres de diferentes idades, classes e raças entraram e saíram da população economicamente ativa, ao mesmo tempo em que as taxas de casamento e fertilidade oscilaram consideravelmente. Apesar disso, as mulheres sempre cuidaram de crianças, em geral como mães em famílias, e às vezes, como trabalhadoras em centros de assistência à infância, como domésticas pagas ou como escravas. A maternação tem sido um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão do trabalho por sexos. Maternar não é apenas gerar filhos; as mulheres assumem a responsabilidade inicial pelo cuidado da criança, dedicam mais tempo a bebês e crianças do que os homens, e firmam os primeiros laços emocionais com os bebês.

Para SILVEIRA (1998), de forma geral, o divórcio entre a maternagem e a paternagem só foi unilateralmente superado quando as mulheres passaram a exercer de forma cada vez mais contundente o papel de provedoras, mantendo as atividades de cuidadoras.

Maternagem refere-se a acompanhamento, nutrição e cuidados do bebê, sendo uma construção social atribuída às mulheres, mesmo quando não geraram a criança em seu ventre. A paternagem, que se refere a esses mesmos cuidados executados pelos homens,

tem sido exercida com mais força a partir dos anos de 1990 pois, como afirma UNBEHAUM (2000), foi nessa década que a introdução de novas tecnologias reprodutivas fez surgirem novas discussões e estudos que reavivaram as indagações sobre a dicotomia natureza (feminino) e cultura (masculino).

Uma grande parte do que consideramos ‘natural’ na maternidade, de modo nenhum é natural, mas um produto da cultura. Quando os valores mudam, também muda a forma de criar os filhos. Não podemos alterar os estilos de maternidade sem mudar igualmente a sociedade e reexaminar o que é ser homem e mulher, o que é ser criança, o papel dos pais e o significado da família nessa cultura (KITZINGER, 1978).

Para BOTTURA JÚNIOR (1998), a paternidade é o fator que mais influencia a vida de um homem, mesmo quando os filhos não existem. Ela determina comportamentos e funciona como um divisor de águas nas escolhas feitas pelo indivíduo ao longo de sua vida. Muitas pessoas preparam-se a vida inteira para a paternidade e traçam seus caminhos em busca dessa realização. Existem pais que não alcançam seus objetivos e levam uma vida inteira medíocre e sem prazer, com justificativa de que os filhos estão em primeiro lugar. Outros, ao contrário, encaram os filhos como estímulo para alcançar suas metas e tornar a vida mais rica e agradável.

Ter um filho é um acontecimento muito importante na vida de qualquer indivíduo e pode ser considerado um marco no desenvolvimento de homens e mulheres. O amor e o vínculo com os pais são aspectos cruciais no desenvolvimento da criança, que depende de convívio e disponibilidade (ABREU & SOUZA, 1999).

Alguns autores, como GIKOVATE (1989), afirmam que ser pai é diferente de ser mãe, porque falta ao pai a base biológica, a simbiose física que une a mulher a sua prole. MALDONADO (1990) diz que o impacto, as vivências e as repercussões da gravidez são, naturalmente, bastante diferentes na mulher e no homem. Embora a contribuição de um e de outro seja idêntica para gerar o filho, é a mulher que vai senti-lo crescer dentro de si, dar a luz, amamentar e formar com o bebê o vínculo primordial. Isso pode suscitar, no homem, com diferentes graus de intensidade, sentimentos de ciúme e de inveja da capacidade feminina de gestar e nutrir o filho.

Na cultura brasileira, os termos maternidade e paternidade designam, muito mais do que mera capacidade biológica de gerar; responsabilidade social e construções socioculturais influenciadas pela constituição das identidades e dos papéis de gênero (UNBEHAUM, 2000).

Ao elegermos a abordagem de gênero para servir como pano de fundo para estudar a maternidade/paternidade, estamos de acordo de que, esta foi e ainda continua sendo, para muitos, um fator considerado importante na elaboração de noções de feminilidade e masculinidade, fundamentais para melhor compreensão das questões que envolvem maternidade e paternidade num contexto atual, e das questões que despertaram nosso interesse para a realização desse estudo.

Sobre o conceito gênero, seu uso comporta um elenco de posições tanto teóricas quanto simples referências descritivas às relações de sexo (SCOTT, 1990)¹

OLIVEIRA (1999) buscou uma conexão integral para a definição de gênero, elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos; é a forma primeira de significar as relações de poder. As diferenças de sexo somam-se às diferenças sociais e étnicas, que devem ser identificadas e analisadas para como o trabalho pode repercutir em um ou outro grupo humano.

BELLOTI (1987), no livro “Educar para a Submissão”, afirma que a tradicional diferença entre caracteres de fêmea e macho não é devida a fatores congênitos, e sim, aos condicionamentos culturais a que o indivíduo é forçado no curso de seu desenvolvimento. Os condicionamentos na direção do papel designado a um ou outro sexo começam até mesmo antes do nascimento.

Fica patente o aspecto sociocultural, uma vez que, diferente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, resultado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações (SORJ, 1992).

¹ Emergem a partir dos anos de 1980 três perspectivas teóricas: 1º) Relações sociais de sexo, que privilegiaram, no início, a divisão social do trabalho como núcleo motor da desigualdade; 2º) Diferenciação a partir da perspectiva que concebe gênero como um sistema hierarquizado de ‘status’ ou prestígio social; 3º) Gênero como sistema de poder resultante de um conflito social.

Muitos autores têm-se dedicado às questões da maternidade e a enorme carga social que as mulheres/mães/trabalhadoras assumem. Em relação à masculinidade e ao exercício cotidiano da paternidade, no entanto, estão apenas se iniciando os debates; os homens não nos têm legado o relato de suas experiências.

As pesquisas sobre a temática da reprodução estruturaram-se com a ausência do masculino. Os estudos de gênero focalizaram o homem, sua identidade masculina sempre, com o foco na sexualidade. LEAL & BOFF (1996) colocam uma questão importante: será que a sexualidade está para o homem assim como a reprodução está para a mulher?

Embora ainda haja uma forte concentração de estudos sobre a sexualidade masculina, temas como paternidade, estão emergindo como aspectos importantes das experiências masculinas, sendo gradativamente considerados interessantes para pesquisa.

De acordo com ARRILHA (1999), entre as atribuições maternas e paternas, o cuidado com os filhos continua sendo delegado às mulheres, enquanto os homens permanecem como coadjuvantes nessa atividade. Em nossa cultura a maternidade e, conseqüentemente, a maternagem, ainda são consideradas atribuições exclusivas do gênero feminino, com base no princípio biológico de que é no corpo dela que o bebê é concebido.

Segundo VIZZOTTO (1994, p.157), *“a obliteração da vivência paterna contribui para a cristalização de estereótipos e imagens simplistas de que o homem é desajeitado, indiferente ou insensível com relação à gestação e ao bebê muito pequeno. Isso favorece uma divisão rígida, entre os sexos, uma divisão de papéis rígida: a mãe procria e o pai assiste – o espectador”*.

Ainda temos uma visão muito fragmentada com relação ao homem exercer sua paternidade/paternagem. Por isso a importância de desenvolverem-se dinâmicas (psicodinâmicas, grupos de orientações, vivências, oficinas) da paternidade durante o período da gestação, para dar aos profissionais da área de saúde uma visão mais global do homem/pai. “As emoções do homem no período de gestação de um filho são muito ricas e precisam ser mais conhecidas e reconhecidas” (VIZZOTTO,1994, p. 6).

CHODOROW (1990), ao analisar a maternidade, afirma que todo o sistema sexo-gênero organiza o sexo, o gênero e os bebês. Uma divisão do trabalho por sexo, na qual as mulheres maternam, organiza os bebês e separa as esferas doméstica e pública. O

casamento heterossexual em geral dá aos homens direitos às capacidades sexuais e reprodutivas das mulheres e direitos formais sobre os filhos, organizando o sexo. Homens e mulheres juntos organizam e reproduzem relações entre gêneros socialmente desiguais.

Assim como as questões de gênero ultrapassam o campo biológico, também a maternidade e a paternidade podem ser vistas pelo olhar sociocultural. É comum a maternidade ser sugerida como uma função natural e a paternidade como uma função simbólica (GOMES, 1998).

Existem registros das chamadas ‘reações paternas’, que investigam alterações comportamentais e sintomáticas (algumas de natureza psicossomática) em pais durante a gravidez da companheira, ou também durante o parto e pós parto. (VIZZOTO,1994). As mudanças de comportamentos ou reações sintomáticas vão de um simples estado mais alterado do nível de ansiedade, até alterações nos hábitos do sono e alimentares. Indaga: como se apresenta esta psicodinâmica paterna, num período em que o homem vive a expectativa da elaboração e do surgimento de um ‘produto’ que é seu, mas se encontra materialmente falando, no ventre de outrem?

O que se pode chamar de simbólico, em parte é real, pois a paternidade é uma realidade exercida cada vez mais intensamente pelos homens, e mobilizada pelas questões de construção social e pelos conteúdos internos de cada homem. Esses conteúdos geram conflitos e dependem da vivência de cada um.

A transformação de um contexto social começa do individual, do conteúdo interno de cada homem e mulher. No caso da paternidade, proporcionar um artefato para ser usado como recurso de intervenção no conteúdo interno e na vivência do homem, proporcionaria sentimento de simbiose biológica, e o ajudaria a externar suas emoções.

Segundo VIZZOTTO (1994) o meio sócio-familiar-cultural, inibe a expressão de muitas emoções do homem no período de gravidez da mulher, podendo dificultar uma ‘vivência paterna’ mais tranqüila.

Faltando ao homem vivenciar a concretude biológica da gestação, cabe a ele lançar mão da imaginação para sentir-se verdadeiramente pai. O pai emerge como pessoa e seu comportamento previsto e até padronizado numa visão estereotipada não antecipa

aquilo que se oculta / que está velado na instância existencial. As questões existenciais dão-se no homem e merecem compreensão (ABREU & SOUZA, 1999).

CHODOROW (1990) diz que a maternação das mulheres é central à divisão social do trabalho por sexos. Um homem “maternou”(acreditamos que o autor se refere a ‘paternagem’, os cuidados feitos pelo homem como já citado) a criança se ele foi a principal pessoa a cuidar dela, ou se está agindo de maneira a alimentá-la e ampará-la.

Na relação gênero – paternidade, há mão e contramão; se de um lado a definição dos papéis de gênero influencia o exercício da paternidade, de outro, o modelo que se tem de paternidade pode servir de referência para a continuação da identidade de gênero, mais comumente a masculina. Nessa dialética, o ser homem serve de referência para seu pai, e vice-versa (GOMES, 1998).

Certamente cresce, não apenas entre as mulheres, mas também entre os homens, a preocupação com uma nova perspectiva sobre paternidade, porque tanto esta quanto a maternidade são indicadores de como homens e mulheres se inscrevem na vida social. As qualidades femininas e masculinas que definem essa inscrição são, por sua vez, construções sociais que geram modelos excludentes para uns e outras. Ou seja, as construções sociais atuais, definem o homem como um expectador, excluindo-o do cenário da gestação, da parturição, e dos cuidados com o filho.

3.2-A GRAVIDEZ DO HOMEM E DA MULHER

“A gravidez e cada nova gravidez, assim como suas repercussões na vida das pessoas, são vivenciadas de forma única por cada organismo, cada mulher cada casal e cada família grávida” (ÁVILA, 1993, p. 38).

MALDONADO (1990) fala sobre a gravidez como uma transição que faz parte do processo normal de desenvolvimento e que envolve a necessidade de reestruturação e reajuste em várias dimensões: em primeiro lugar, verificam-se mudança de identidade e nova definição de papéis – a mulher passa a se olhar e a ser olhada de uma maneira diferente. Evidentemente, o mesmo processo de mudança de identidade e de papel se

verifica no homem; sendo assim, também a paternidade deve ser considerada uma transição no desenvolvimento emocional do homem.

O contexto em que ocorre uma gravidez influenciará muito as vivências emocionais das pessoas grávidas nesse período. A mulher e todas as pessoas grávidas podem passar por uma desorganização emocional temporária, podendo atingir um amadurecimento maior, desde que esteja aberta a crescer e receba ajuda para isto, seja de um profissional de saúde, seja de familiares. Homens e mulheres grávidos podem reviver conflitos infantis mediante comportamentos e sentimentos regredidos que pareceriam infundados e irracionais fora do mundo grávido (MALDONADO,1990).

Cada pessoa grávida revive inconscientemente na gravidez, no parto e na criação dos filhos sentimentos relacionados à sua história passada de parto e às relações psicosssexuais estabelecidas com seus pais, irmãos e amigos (ÁVILA, 1993). As vivências das pessoas grávidas podem variar entre momentos de querer e de não querer a gestação; nenhuma pessoa rejeita ou aceita totalmente a vinda de um filho. O nível sócioeconômico e as vivências, podem, influenciar o casal a quantidade de filhos que gostariam de ter, muitas vezes tornando indesejável uma próxima gravidez inesperada.

No tocante à aceitação da gravidez pelo homem e pela mulher, pensamos diretamente no significado da barriga grávida e o quanto, a despeito das condições em que a criança foi concebida, a sensação de simbiose biológica influenciaria a aceitação e a diminuição da rejeição inconsciente pela qual muitos homens e mulheres passam.

Observando homens que se tornaram pais e mulheres que se tornaram mães, e que vivem bem essa situação, CASTELAIN-MEUNIER (1993) constatou que a passagem lhes parece muito natural e, ao mesmo tempo, uma decorrência normal: orgulho, um bem-estar que às vezes se aproxima do êxtase, tal é a transformação de seu estado de espírito. Também encontrou outros homens que sentem a necessidade de iniciar um relacionamento extra-conjugal quando a mulher está grávida ou acabou de dar a luz. Na sociedade contemporânea, não dispomos de suportes da expressão coletiva de emoção, relativos ao nascimento. A passagem do ambiente intra-uterino para a vida não é facilitada pela expressão coletiva, por representações simbólicas. Existem vazios. O que importa é a dimensão médica, técnica, anatômica e raramente poética. Cada um faz o que pode com seu

capital emocional e afetivo, com sua sensibilidade. Porém, subestimamos as reviravoltas que ocorrem sobretudo, em relação ao equilíbrio sensorial da mulher e, de forma diversa, do homem.

Na família que sofreu transformações, os papéis de mãe, pai e de filho só adquirem significado ao longo do tempo, num processo extremamente dinâmico de elaboração do que foi internalizado das figuras parentais e em conjunto com as vivências externas do exercício diário e cotidiano desses papéis. Também a nova mulher está mais identificada, e se comporta mais coerentemente com seus anseios pessoais. Quando engravida aceita e não sublima nem nega seus pequenos conflitos e dificuldades em relação ao novo papel que irá exercer. Ela fala e expressa seus sentimentos bons e ruins em relação a essa nova situação, sem culpar-se ou rejeitar o filho. “Essa mãe está aparecendo por aí e obviamente é ela que abre espaço para o novo pai... e esse novo homem pode demonstrar sua emoção e afetividade, sem deixar de ser viril e másculo” (NORONHA,1997, p. 42).

Para MALDONADO (1990), com frequência o homem sente-se excluído por não participar diretamente do contato com o filho que está sendo gerado; muitas vezes chega ter sensações semelhantes às da mulher grávida: náuseas ou aumento do apetite e de sono; tenta sentir o filho colocando a mão no ventre da mulher para captar-lhe os movimentos, procura todas as informações disponíveis a respeito da gravidez, parto e cuidados com o bebê. No entanto, por maior que possa ser sua participação em todo esse processo, é impossível partilhar de tudo, pois as vivências femininas não são idênticas às masculinas, porque existem limitações físicas que impedem ao homem viver, da mesma maneira que a mulher, a experiência da gestação.

No entanto, apesar desses diferentes graus de envolvimento, a gravidez tem repercussões muito importantes no pai, a ponto de se poder falar em termos de “casal grávido”. Afinal, homem e mulher à espera de um filho têm por tarefa ampliar o espaço dentro de si para acolher emocionalmente o bebê e, sobretudo, aproveitar a oportunidade de poder gestar não só o filho, mas também um novo ser dentro deles.

MALDONADO (1990) fala sobre a mescla de sentimentos que em geral está presente quando a gravidez é confirmada. O impacto produzido pela notícia pode traduzir-se em euforia profunda, como numa sensação de grande poder e importância. Mesmo

quando a gravidez não é desejada, podem surgir alívio e tranquilidade, uma vez que a possibilidade de gestar é um sinal de fertilidade, prova de que o corpo interior pode gerar vida. No homem, a sensação correspondente é alegria ou alívio por se ver capaz de fecundar a mulher. Especialmente em nossa cultura, a fertilidade masculina representa virilidade e potência.

Levar o homem se identificar com a gravidez de sua companheira pelo uso de uma barriga, é oportunizar-lhe sensações e sentimentos que até hoje, na maioria das sociedades, têm sido atribuídos somente às mulheres.



***4-FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA***

O processo criativo foi o referencial teórico que fundamentou o percurso mental e elaboração técnica do artefato que simula a ‘barriga grávida’ que criamos.

Para entendermos esse processo, apresentaremos definições, alguns conceitos e idéias de diferentes autores acerca de criar, criação, criatividade e processo criativo.

4.1-DEFINIÇÕES

OSTROWER (1999) refere que criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se deste novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar e significar. O autor considera a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades. A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Criar corresponde a formar, dar forma a alguma coisa. Sejam quais forem os modos e os meios, ao criarmos algo, sempre o ordenamos e o configuramos.

“[...] o homem é capaz de estabelecer relacionamentos entre múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma.” (OSTROWER, 1999, p. 9). Para o autor, criar também significa “poder sempre recuperar a tensão (psíquica), renová-la em níveis que sejam suficientes para garantir a vitalidade tanto da própria ação, como dos fenômenos configurados [...]” Criar [...] “representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer, e, em vez de substituir a realidade, é a realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos... e a atividade criativa consiste em transpor certas possibilidades latentes para o real”.

PREDEBON (1999) refere que criatividade é uma característica de nossa espécie, e não um dom especial; não há pré-requisitos para treiná-la. Ele compara a criatividade com a respiração, pois tanto uma como a outra são capacidades inatas, bastando praticar para fazê-las melhor. Fala do potencial que existe e que nos é próprio. Daí

a afirmação de que todas as crianças são criativas e que seu potencial inato é gradualmente bloqueado durante o processo de socialização. A capacidade de cada um é utilizada e desenvolvida em função do meio: dos estímulos que oferece, das limitações que apresenta e dos bloqueios que impõe.

PREDEBON (1999) diz também que o comportamento criativo é produto de uma visão de vida, de um estado permanente de espírito, de uma verdadeira opção pessoal quanto a desempenhar um papel no mundo. Essa base mobiliza no indivíduo seu potencial imaginativo e desenvolve suas competências “além da média”, nos campos dependentes da criatividade. Esse autor defende o princípio de que a criatividade é uma característica de nossa espécie e, como tal, está presente em nosso comportamento normal, em um nível às vezes até imperceptível para a maioria.

De acordo com NOVAES (1975), e do ponto de vista etimológico **criar** significa “dar existência, sair do nada, estabelecer relações até então não estabelecidas pelo universo do indivíduo, visando a determinados fins”.

Ainda segundo essa autora, a idéia germinal parece ter três características associativas que são experienciados pelos indivíduos criativos.

- 1º É relativamente específica, estreita e aparentemente trivial no seu conteúdo imediato.
- 2º Leva a um estado de excitação e satisfação que é difícil de ser explicado ou suprimido.
- 3º Abre alas às possibilidades para uma quantidade de novas associações, conexões, sugestões, pois a característica essencial da contribuição criativa é transcender à experiência prévia.

GARDNER (1996) relata que indivíduo criativo é uma pessoa que regularmente soluciona problemas, cria produtos ou define novas questões num domínio de uma maneira que inicialmente é considerada nova, mas que acaba sendo aceita num determinado ambiente cultural.

Segundo STOLTZ (1999, p. 80), a afirmação do ser humano está em seu fazer. Se este for reduzido à atividade de sobrevivência, teremos o homem animal. O humano sobrevém ao animal. Como desenvolver o humano? Propõe-se o investimento no fazer

criativo, na atitude criativa o “conhecimento é fomento à criação,..necessário para a mudança ...sem o fazer criativo não há mudança... não há consciência de poder resistir, ousar em meio à adversidade”. A noção de criação numa perspectiva marxista centra-se nos determinantes envolvidos na criação de qualquer obra. A mudança terminológica de criação para produção cultural considera os outros sujeitos que contribuem para a produção criativa.

STOLTZ (1999, p. 79) define criação como o resultado da interação inédita entre necessidades, emoções e conhecimento. As impressões que temos em relação ao mundo que nos rodeia expressam nosso estado de ser consciente ou inconsciente. Tais impressões surgem, primeiro, na comunidade de origem de cada sujeito. No entanto, não se perpetuam, mas são selecionadas e recriadas, de acordo com a maior ou menor vivência de situações de criação... “a capacidade de criar é possível e diferenciada nas diferentes fases do desenvolvimento humano”.

FOSTER (1997) cita a obra de Charles S. Wakefield, “*Predator of the universe: the human mind*” (O predador do universo: a mente humana) que refere existir uma série de cinco estágios mentais que identificam o ato criativo: o primeiro é a conscientização do problema; o segundo é quando surge uma definição do problema; a seguir surge uma saturação do problema e dos dados factuais que o circundam; em quarto, atravessa-se um período de incubação e uma calma de superfície e em quinto, chega o momento da explosão – o *insight* mental, o salto súbito além da lógica, além da escalada habitual para soluções normais.

Mesmo conhecendo a maioria das etapas dos processos de criação descritos, é necessário existirem condições para efetivamente desenvolvê-los. Condições estas, relacionadas ao estado de espírito, estar realmente motivado, entusiasmado, e também, recursos humanos, ou seja, envolver pessoas com seu entusiasmo, convencê-las da importância daquela criação, além é claro dos recursos físicos e materiais para desenvolvimento operacional da idéia. Se não estivermos realmente preparados, dificilmente utilizaremos o processo criativo ou criaremos com eficiência. Precisamos condicionar nossa mente para desenvolver mesmo idéias que já existam, mas precisam ser aprimoradas para que se tornem significativas e façam diferença para o desenvolvimento humano.

Segundo KNELLER (1978, p. 88), “...A criatividade parece envolver certas capacidades mentais... capacidade de mudar a maneira pela qual cada pessoa aborda um problema, de produzir idéias relevantes e ao mesmo tempo inusitadas, de ver além da situação imediata e de redefinir o problema ou algum aspecto dele”. Segundo o mesmo autor, as definições corretas de criatividade, pertencem a quatro categorias:

- do ponto de vista da pessoa que cria;
- de processos mentais;
- das influências ambientais e culturais e,
- em função de seus produtos (como teorias, invenções, pinturas, esculturas e poemas).

NACHMANOVITCH (1993) refere que toda tentativa de organizar um conhecimento adquirido na prática dos processos criativos leva a uma necessária auto-observação. Essa necessidade de “enxergar o próprio pensamento” tem recebido a interessante contribuição das culturas orientais, que mostram novos ângulos de abordagem quando assimilamos e transformamos esses ensinamentos por meio de nosso filtro ocidental. Aquilo que costumamos chamar de criatividade envolve fatores como inteligência, capacidade de perceber a ligação entre os fatos até então desconexos, capacidade de romper com idéias ultrapassadas, destemor, vigor, alegria e até mesmo certa capacidade de escandalizar. Pessoas muito criativas podem usar essas capacidades em campos de atividades absolutamente convencionais.

NACHMANOVITCH (1993) fala também que por trás do impulso criativo existe um nível mais profundo de compromisso, um estado de comunhão com um todo que está além de nós. Quando esse elemento de união é injetado em nossas formas de expressão, atingimos algo que ultrapassa a mera criatividade, o simples propósito ou a mera dedicação; atingimos um estado em que agimos por força do amor. O amor está relacionado à perpetuação da vida e, portanto, irrevogavelmente ligado a nossos valores mais profundos.

Assimilamos gradativamente todas as idéias sobre criação, criar e criatividade; embora os autores não definam com exatidão tais conceitos, é comum se referirem aos atributos necessários ao agir criativo como sendo inspiração, impulso, percepção de idéias, mudança, explosão de idéias, envolvimento, inteligência, compromisso, característica

humana, capacidade inata, capacidade de escandalizar, destemor, usar a imaginação. Conforme Nachmanovitch, ao desenvolver nosso estudo encontramos muitos desses atributos, definições, mas primordialmente agimos por força do amor... amor pelo trabalho... amor pela profissão... amor pelas pessoas... e, acima de tudo, amor pela vida, que é gerada por homem e mulher e precisa ser amparada, amamentada, embalada e educada por ambos... Criar um artefato que imita a barriga grávida foi como vivenciar um pouco de cada atributo referido pelos autores, podendo ir além do comum, do esperado, e proporcionar ao homem concretizar sua imaginação e seu desejo em partilhar uma barriga e a identificar-se, em parte, com a mulher grávida.

4.2-PROCESSO CRIATIVO

Os processos criativos desenvolvem-se de diversas maneiras e cada autor descreve diferentes passos.

OSBORN (1958) diz que vários fatos físicos ainda são inexplicáveis e é muito difícil explicar perfeitamente e metodizar o processo criativo. Refere que os estudiosos, apesar de questionarem a existência de um padrão no ato de criar, aceitam a existência de processo criador e descrevem-no com sete fases. O criador pode passar por todas ou somente por algumas, com especificidade temporal para cada indivíduo:

1. **orientação:** assinalar o problema;
2. **preparação:** reunião dos dados pertinentes ao problema;
3. **análise:** decomposição do material de importância;
4. **ideação:** acúmulo de alternativa por meio de idéias;
5. **incubação:** descanso, para introduzir a iluminação;
6. **síntese:** reunião de elementos;
7. **avaliação:** julgamento de idéias resultantes.

KNELLER (1978) diz que em certo momento do processo criador, o produto criativo ganha vida própria e transmite suas próprias necessidades ao criador. Ele distingue em seu processo criativo as seguintes fases:

1. primeira apreensão: apreensão de uma idéia a ser realizada ou de um problema a ser resolvido - o germe da criação: o *insight*;
2. preparação: rigorosa investigação das potencialidades da idéia germinal (o criador lê, anota, discute, indaga, coleciona, explora, propõe possíveis soluções e pondera suas forças e fraquezas). O processo de preparação é como um processo exploratório e deve ser apenas um meio para atingir o fim, o lançamento da obra de criação própria.
3. Incubação: período de atividade não consciente na qual as idéias do criador são “enterradas”. Esse período pode ser longo ou curto, mas deve existir.
4. Iluminação: (inspiração): quando o criador de repente percebe a solução de seu problema, o conceito que enfoca todos os fatos, o pensamento que completa a cadeia de idéias em que ele trabalha.
5. Verificação: também podemos chamar de revisão, e às vezes pode ser a fase mais longa e árdua do processo criativo. A iluminação é submetida à prova, conscientemente elaborada, alterada e corrigida.

NOVAES (1975) observa que existe elementos e condições internas que favorecem a criatividade, como:

1. Abertura para novas experiências;
2. Necessidade de avaliação interna;
3. Desejo de comunicação e participação;
4. Extensionalidade – necessidade de estender e expandir sua personalidade para outros objetivos;
5. Habilidade para manipular conceitos e elementos diversos. Criatividade, portanto, advém de condições favoráveis de segurança e liberdade pessoal.

Além desses aspectos, KNELLER (1978) acrescenta algumas condições essenciais para que exista criatividade:

Receptividade: as idéias criadoras não podem ser forçadas, mas precisamos estar receptivos a elas. A imaginação não é confinada, mas atira suas idéias ao consciente, a todo instante, dia ou noite. Às vezes não damos a devida importância a uma idéia e a

perdemos, porém nem sempre somos capazes de recapturar aquela idéia ou intuição em sua forma original.

Imersão: imergir nutre de idéias a imaginação. Muitas vezes, canaliza nossas energias para novos e próprios caminhos, e nos faz pensar mais profundamente sobre nossas obras, podendo revelar dificuldades que antes não eram perceptíveis.

Dedicação e desprendimento: o criador precisa estar apaixonadamente empenhado em seu trabalho, para reunir a energia necessária à longa e prolongada concentração do pensamento criador. Isso permitirá que veja a obra como um todo, deixando que esta fale por si mesmo. O criador combinará desprendimento com dedicação e saberá quando cada uma delas se torna adequada.

Imaginação e julgamento: na criação deve existir paixão (imaginação) e decoro (julgamento). Por si só, a imaginação produz idéias, porém não as comunica; o julgamento, por si só, comunica idéias, mas não as gera. Portanto, não ocorrerá criação, que é ao mesmo tempo produção e comunicação, sem que cooperem imaginação e julgamento.

Interrogação: no pensamento criador é, pois, tão importante fazer perguntas como respondê-las. De fato, quando exprimimos como indagação o objeto de nossa pesquisa criadora, mais fácil se torna encontrá-lo.

Uso de erros: aceitar o erro como uma razão para mudar, para modificar a abordagem. A pessoa criativa deve tratar seus erros com respeito, para ver aonde eles conduzem. O criador deve saber quando é provável que sua obra seja mais sábia do que ele.

Uma vez que muitos autores têm descrições e pensamentos semelhantes em relação ao processo criativo, é natural nos identificarmos com vários desses pensamentos e situações descritas. Apesar disso, é preciso, optarmos por descrever nosso processo criativo sob a lente do autor que mais veio de encontro aos passos por nós vividos, e também que pudesse traduzir com mais precisão e fidelidade nosso caminhar. Para tornarmos mais didático esse processo criativo, iremos descrevê-lo sob a perspectiva da descrição dada por KNELLER (1978). Embora existam padrões e processos similares no ato da criação, considere Kneller mais claro em suas exposições, e sua obra conta de uma leitura mais compreensiva, o que foi essencial para a decisão em utilizá-lo para a descrição de nosso invento.

“A descoberta, por uma pessoa, daquilo que foi revelado por outros ainda representa uma realização criadora”, diz KNELLER (1978). Pois da observação de outros, que surgiu a idéia de criar a ‘barriga grávida’. Foi como se os casais com que trabalhávamos tivessem nos revelado a criação. Além disso, Kneller insere a ‘relevância’ como fator criador, sendo o ato criador uma resposta a uma situação particular ao qual devemos resolver ou pelo menos, clarear, a situação que o fez surgir.



***5- MATERIAIS E
MÉTODOS***

Trata-se de um estudo descritivo do processo de criação e elaboração de um artefato – ‘barriga grávida’ – destinado, inicialmente, ao uso do homem ‘grávido’.

Por se tratar de um processo criativo que não envolve procedimentos e nem coleta de dados com pessoas, o projeto do presente estudo não foi submetido ao comitê de ética em pesquisa.

O uso das fotos, fotografadas, por profissionais instrutores do curso de preparo para o parto e apresentadas nessa dissertação, foi autorizado em documento escrito, arquivado no hospital privado onde este estudo se desenvolveu. Não houve necessidade de apresentá-lo como anexo e apreciado pela Comissão de Ética em razão de os personagens das fotos não estarem identificáveis.

5.1-CENÁRIO DA PESQUISA

5.1.1-Descrição do local de trabalho

O trabalho realizou-se num hospital privado de grande porte, localizado na região central de Curitiba e de fácil acesso. A programação do Projeto Gestante daquele hospital previa a realização de cursos de preparo para o parto, desenvolvidos em um salão amplo nas dependências do hospital, onde aconteceram as observações e teste inicial da ‘barriga grávida’.

O curso de preparo para o parto constava de oito a dez sessões, duas vezes por semana. Realizavam-se aulas teóricas, práticas, exercícios de respiração e relaxamento, e visitas ao serviço de maternidade do hospital em sessões que duravam 90 minutos. O curso, aberto a toda comunidade curitibana, era pago por sessão.

Para a confecção dos protótipos foi necessário dispor dos serviços de costura e manutenção, que funcionavam anexos ao hospital.

5.1.2-Características da População envolvida no Processo de Criação

Estavam envolvidos no processo de criação, três profissionais de saúde: uma enfermeira, uma nutricionista e uma psicóloga, todas funcionárias do hospital e responsáveis pelas atividades do projeto gestante daquela instituição, sendo que apenas a enfermeira teve a experiência da gravidez.

Também foram envolvidos sete casais, todos na sua primeira gestação, altamente motivados, que freqüentavam os cursos de preparo para o parto naquele hospital. Esses casais eram de classes média e média alta, e seu grau de escolaridade variava entre nível médio e superior.

5.1.3-Condições do teste inicial

O teste inicial do protótipo foi realizado por profissionais e casais grávidos, durante sessões do curso de preparo para o parto. Durante o teste inicial os profissionais e os casais usaram o protótipo por 90 minutos, que era o tempo de duração das sessões.

As impressões captadas durante o teste inicial estão relatadas posteriormente, no capítulo dos resultados.

As observações e a idéia de criação aconteceram entre os anos de 1996 a 1998, e a confecção dos protótipos ocorreu no segundo semestre de 1998.

5.2-TRAJETÓRIA DO PROCESSO CRIATIVO

A todo instante estamos sendo imersos num universo de idéias e de condições para criar novas idéias. Nossa caminhada vem sendo traçada durante vários anos de experiência, movidos por paixão e intuição, as quais geram idéias que muitas vezes surgem desordenadas. Por esta razão descreveremos nossa trajetória associando-a às fases do processo criativo descritas por KNELLER (1978).

Em 1996, começamos a observar informalmente o comportamento de casais que participavam dos cursos oferecidos pelo hospital privado onde trabalhávamos. Os cursos, ministrados por enfermeira, psicóloga e nutricionista, tinham por objetivo melhorar a participação ativa dos casais durante gestação, parto e puerpério, proporcionando mais tranquilidade e autocontrole (gerado pelo conhecimento), durante esse período tão especial. Oportunizávamos palestras, vivências, visitas à maternidade, aulas práticas sobre cuidados com o recém-nascido e amamentação, exercícios respiratórios e relaxamentos, tudo visando diminuir medo, tensão e ansiedade, além de integrar mais efetivamente o casal no processo de nascimento de seu filho.

Receptivas a nossa imaginação, estávamos imersas em nossas idéias, sempre voltadas à vida desses casais. Fazíamos esse trabalho fora do horário de expediente. Tínhamos dedicação e desprendimento, e não focalizávamos exageradamente a tarefa para não estreitar o pensamento, como aconselha KNELLER (1978).

Percebemos quanto os homens cobravam de suas esposas a realização dos exercícios e o controle da dieta. Esse interesse e preocupação demonstrados eram, na verdade, apenas a ponta do *'iceberg'*. Mas nos fizeram voltar a atenção para a figura paterna naquele contexto, entendendo que fosse parte importante na gestação do filho. Aconteceu como que uma explosão de pensamentos e indagações, afinal nunca havia dado a devida importância à presença do homem e aos seus sentimentos quanto à gravidez. Quando percebemos a admiração daqueles homens pela barriga de suas mulheres, e o quanto, aqueles cuidados e cobranças refletiam essa admiração, sentimos uma emoção diferente que, de certa forma, incomodava-nos. Naquele momento nossas idéias voltaram-se para o homem e sua “barriga”. Ocorreu então a **primeira apreensão**; despertamos para a idéia de que poderia, de algum modo, fazer com que o homem também fosse detentor de uma “barriga grávida”; de uma maneira que ainda não sabíamos ao certo, o homem poderia experimentar a gestação mais concretamente. Compartilhamos dessa idéia com as outras profissionais do grupo (nutricionista e psicóloga), pois formávamos uma equipe.

Vimo-nos atentas a toda e qualquer forma de expressão externada pelos homens durante as sessões. Percebíamos seu comportamento afetuoso a tudo que se relacionava com a barriga de suas companheiras grávidas.

- *“Olha como está bonita a minha barriga”* (um homem grávido tocando a barriga de sua mulher e dirigindo-se a nós).
- *“A minha barriga é maior que a sua”* (um homem grávido conversando com outro homem grávido).
- *“Já me imaginou com uma barrigona dessas? Eu adoraria ter uma”* (um homem grávido apontando para sua mulher e dirigindo-se ao grupo).

Em toda e qualquer fala sempre aparecia a referência a barriga grávida.

Houve, partir daquele momento, a necessidade de investigarmos e observarmos mais profundamente as potencialidades da minha idéia inicial. Começamos, então, o que poderíamos identificar como **preparação**: trocávamos idéias pelos corredores e combinávamos encontros nas bibliotecas. As idéias pareciam borbulhar. Como fazer para que o homem tivesse uma barriga grávida que lhe parecesse real, ou pelo menos lhe desse algumas das sensações de estar grávido? Nossa intenção era buscar uma solução para a necessidade de os homens (ao menos daqueles com quem trabalhávamos) experienciarem uma barriga grávida e, de certa maneira, identificarem-se, em parte, com a mulher grávida.

Naquela época, estávamos na fase de **incubação** de muitas idéias, estudando e refletindo como viabilizá-las. Mais do que nunca, continuávamos a observar expressões, trejeitos e gestos dos homens em relação à barriga de suas mulheres. Começamos a tomar nota de mais expressões verbalizadas por eles.

- “*Dessa barriga vai nascer meu filho e vai ser macho*” (um homem grávido tocando a barriga de sua mulher e dirigindo-se a mim).
- “*É muito legal estar grávido*” (um homem grávido conversando com outro homem grávido).
- “*Vou sentir falta da minha barriga depois que o bebê nascer*” (um homem grávido afirmando para sua mulher).

Já estávamos totalmente sensibilizadas com o afeto pela barriga grávida demonstrado pelos homens. Então, após termos muitas outras inspirações, ou seja, termos pensado em outros artifícios (como uma almofada sob a roupa, por exemplo), em algum momento após o início da apreensão da idéia, decidimos, criar um artefato que imitasse uma barriga grávida (inspiração ou **iluminação**).

Nessa fase do processo criativo, talvez a fase mais complexa, concordamos e discordamos várias vezes sobre como viabilizar essa criação. Muitos pontos foram analisados e amplamente discutidos, com a equipe de trabalho, como:

- os materiais de que poderíamos dispor para a confecção do artefato;
- qual o formato, medidas e peso que deveria ter;

- quem poderia confeccioná-lo.

Esse impulso criativo precisava ser realizado de acordo com as condições oferecidas pela instituição em que trabalhávamos. Determinamos, então, alguns critérios para a confecção do material a ser utilizado:

- baixo custo;
- fácil limpeza;
- fácil utilização e manuseio;
- utilizável por qualquer pessoa adulta e não grávida.

Conseguimos, então, apresentar um projeto à direção do hospital, que, por sua vez, permitiu usar materiais encontrados nos setores de costura e manutenção, além de disponibilizar o serviço das costureiras. Isso nos deixou contentes e motivou-nos a desenhar alguns modelos de protótipos, adequando-os aos recursos disponíveis.

Começamos a construir os protótipos junto com as costureiras. Objetivando torná-los o mais semelhante possível a uma barriga grávida, os protótipos foram testados e reelaborados diversas vezes, até que atingissem peso e dimensões ideais. Estávamos então iniciando a fase que KNELLER (1978) descreve como **verificação**.

Essa foi a fase mais demorada do processo, levando aproximadamente três a quatro meses.

O primeiro protótipo surgiu com medidas exageradas, principalmente das alças e tiras de segurança, e o peso também teve seus ajustes. Apenas a equipe de profissionais envolvidos, testou, reviu e repensou, até chegar ao mais próximo do que imaginava. Pretendíamos que fosse fácil de vestir e que proporcionasse sensações de uma gestação de último trimestre, por ser a fase em que nós, mulheres, sentimos de maneira mais acentuada as modificações e os desconfortos provocados por uma ‘barriga’ cujo feto encontra-se quase totalmente pronto para o nascimento.

Durante o tempo de confecção, eu e minha equipe de trabalho experimentamos diversas vezes os protótipos. Preocupava-nos acertar a textura ideal do tecido utilizado, que deveria ser resistente, durável e lavável, pois o cliente teria que vestir o artefato e

permanecer com ele por algumas horas durante as sessões. Após o término da confecção do segundo protótipo, é que decidimos, em comum acordo entre os profissionais, realizar o teste inicial também durante as sessões junto com os casais grávidos, quando os instrutores e os homens o vestiriam. *“Em certo momento do processo criador, o produto criativo ganha vida própria e transmite suas próprias necessidades ao criador”* (KNELLER, 1978, p. 77).

5.3-MATERIAIS UTILIZADOS

Durante a elaboração, estávamos atentas a qualquer nova idéia, principalmente procurando chegar a um consenso a respeito do material que poderíamos utilizar na confecção dos protótipos.

Tomamos conhecimento de todos os tecidos disponíveis na seção de costura e também dos materiais de que poderíamos dispor no setor de manutenção.

Observando os desenhos iniciais, imaginamos o tipo de material a ser usado. Teria que ser resistente a muitas lavagens e possibilitar boa aeração, evitando o incômodo da transpiração. Sendo assim, escolhemos um tecido 100% de algodão, do tipo brim cru, com que também as costureiras do hospital poderiam trabalhar.

O interior do artefato teria que ser preenchido com um material que o tornasse relativamente pesado (com aproximadamente três quilos). Para isso, escolhemos areia. E para que esta areia não ficasse solta, o tecido foi revestido internamente com plástico grosso, resistente e maleável.

O primeiro protótipo foi confeccionado com os seguintes materiais:

- brim cru;
- plástico grosso e maleável;
- areia;
- botão.

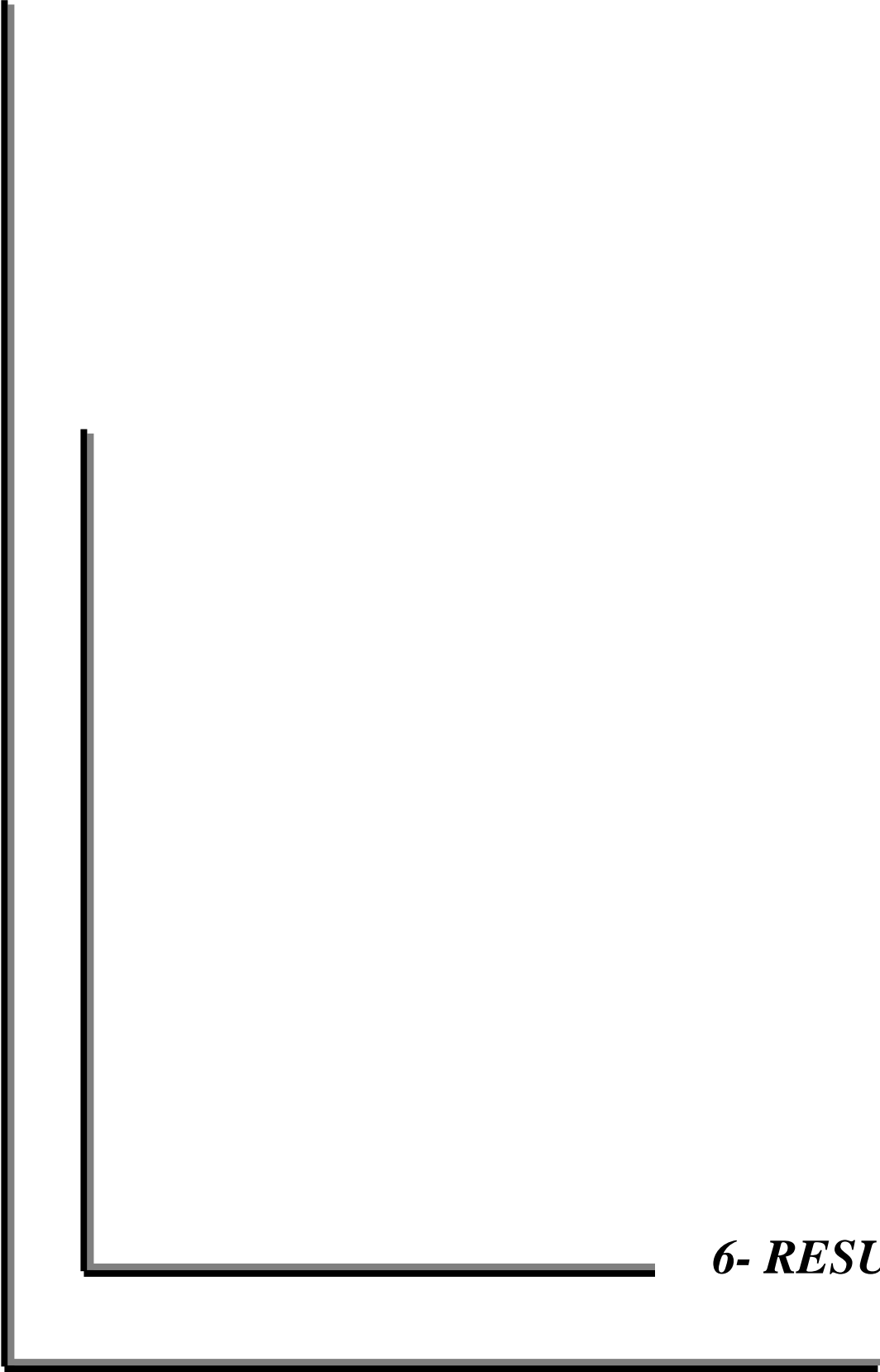
Uma vez que a confecção do artefato foi aprovada pela direção do hospital, para este futuramente o utilizasse como material didático, o custo dos materiais foi incluído no orçamento geral do ‘Projeto Gestante’, de que as sessões realizadas com os casais faziam parte. O custo desse invento, portanto, ficou diluído no orçamento geral da instituição, não

tendo sido repassado ou cobrado dos casais participantes do projeto. Isso foi interpretado pela equipe como um grande apoio da instituição.

5.4-AVALIAÇÃO DOS PROTÓTIPOS

Durante a confecção, os protótipos foram testados em profissionais e também em casais grávidos. Foram avaliados os seguintes pontos:

- ter peso adequado;
- ser lavável;
- ser de fácil colocação;
- sensações típicas da gestação (como desconforto respiratório na posição de decúbito dorsal, por exemplo).



6- RESULTADOS

6.1-PROTÓTIPO DA BARRIGA GRÁVIDA TIPO 1

Após vários desenhos, chegamos à idealização do primeiro modelo (Figuras 1, 2 e 3): dois travesseiros anatômicos formados por uma parte anterior e outra posterior costuradas em dois gomos laterais. Foram igualmente costurados: um travesseiro interno e um travesseiro externo, com a diferença de que o travesseiro externo teria uma abertura na parte de trás para podermos vestir o travesseiro interno. A parte da frente media 50 cm de altura por 25 cm de largura e a parte de trás, 45 cm de comprimento por 40 cm de largura. Os gomos laterais eram costurados na parte anterior e posterior que mediam 48 cm de comprimento por 18 cm de largura.

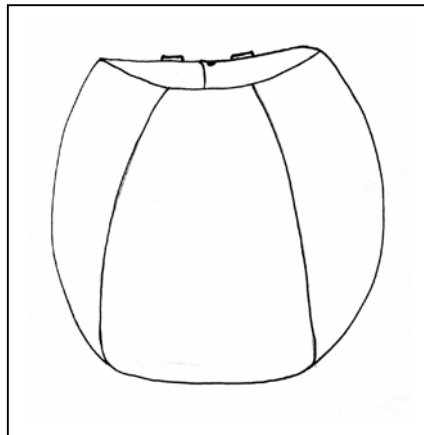


Figura 1-Protótipo da 'Barriga grávida'. Visão anterior.

A parte posterior externa possuía uma abertura de 45 cm, ou seja, a totalidade do comprimento. Essa abertura também está ilustrada na Figura 2, mostrando botões colocados para fechar o travesseiro externo.

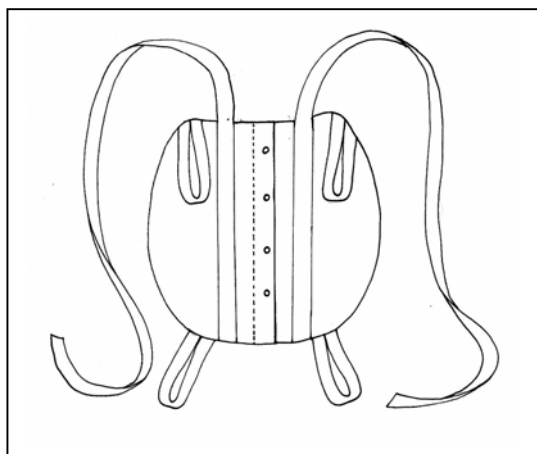


Figura 2-Protótipo da 'Barriga Grávida'. Visão posterior, mostrando alças, tiras e botões como foram confeccionados.

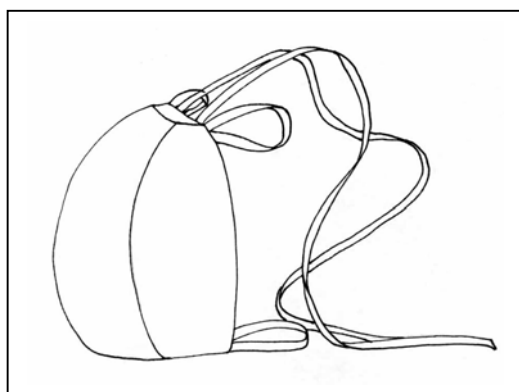


Figura 3-Protótipo da 'Barriga Grávida'. Visão lateral, mostrando gomos laterais, parte das alças e tiras.

Nas Figuras 2 e 3 podem ser vistas alças, necessárias para que o artefato pudesse ser vestido. Foram colocadas quatro alças: duas na parte superior e duas na parte inferior. Também foram costuradas, duas tiras de fixação com tecido ao longo da parte posterior e saindo de cima da parte de trás, solta por mais 3 m.

A partir daquele momento, começamos a experimentar o artefato para sentir qual seria a melhor, mais fácil e mais confortável maneira de vesti-lo, e também para verificar se ficaria firme junto ao corpo (Figura 4).



Figura 4-Foto mostrando o modo de uso da ‘Barriga Grávida’.

No primeiro protótipo a quantidade de areia usada para preencher o travesseiro interno foi excessiva; o travesseiro ficou muito pesado, chegando a pesar 4,5 kg. Sendo assim, não foi possível determinar a quantidade ideal de areia para preencher o artefato.

Após elaboração desse primeiro modelo, analisamos o protótipo sob vários aspectos e encontramos muitos inconvenientes. Seriam necessários novos estudos para adequação do peso porque:

- 1º) estava muito desconfortável e não se adaptava bem ao corpo. Concluimos que isso ocorreu, em parte, pelo excesso de areia, pois o travesseiro interno ficara cheio, tornando o artefato muito pesado;
- 2º) as tiras para fixação da ‘barriga grávida’ estavam muito longas e atrapalhavam os movimentos;

3°) os botões da parte de trás do travesseiro externo eram de pressão e soltavam-se a todo momento.

Com base nessas constatações, resolvemos confeccionar um novo protótipo com o mesmo tipo de material, porém com novas medidas.

6.2-PROTÓTIPO DA BARRIGA GRÁVIDA TIPO 2

Aguardamos pelo menos quatro dias para confecção do novo modelo. Este foi constituído dos mesmos materiais e formato (Figuras 1, 2 e 3) que o anterior, porém com medidas diferentes. O abotoamento passou a ser feito com casas e botões comuns.

No aspecto visual, já pudemos observar diferenças no tamanho e até na consistência, devido à diminuição das medidas e da quantidade de areia contida no travesseiro interno.

A parte anterior ficou com 44 cm de comprimento por 23 cm de largura, a parte posterior com 42 cm de comprimento por 38 cm de largura, e os gomos laterais com 42 cm de comprimento por 15 cm de largura. As tiras de fixação costuradas na parte posterior tiveram seu comprimento reduzido para 2,20 m.

Ao experimentarmos o segundo protótipo percebemos a diferença, pois era mais fácil colocar o artefato e o peso mais adequado.

Criamos então uma técnica de colocação das tiras para fixar corretamente a “barriga grávida” ao corpo (Figura 5):

1. Segurar firmemente o artefato contra o corpo, ficando a parte de trás do artefato em contato com o abdome.
2. Colocar as tiras sobre os ombros, introduzindo-as nas alças superiores do artefato.
3. Cruzar as tiras sobre as costas.
4. Introduzir as tiras nas alças inferiores do artefato.
5. Com o restante das tiras, amarrar firmemente nas costas, fazendo um nó e laço..

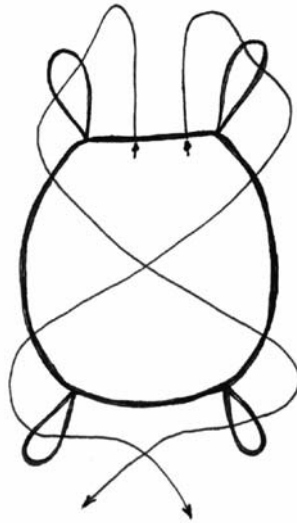


Figura 5-Protótipo da 'Barriga Grávida'. Visão posterior, mostrando a forma correta de colocação das tiras para fixação ao corpo.

6.3-O TESTE INICIAL

Foi interessante e gratificante experimentar o protótipo 2 e concluir que estava adequado, dentro dos objetivos que pretendíamos atingir.

É difícil dizer quando exatamente aconteceu o teste inicial, pois vínhamos experimentando e testando o artefato em nós mesmos durante todo o tempo de confecção tanto do protótipo tipo 1 como do protótipo tipo 2.

Concluído o protótipo 2, resolvemos utilizá-lo com um grupo de casais cujo curso e sessões estavam em andamento. O que era para ser apenas um teste inicial, acabou por se tornar uma experiência dinâmica e de grande incentivo para os casais (Figuras 6 e 7).



Figura 6-Foto de homem usando a ‘Barriga Grávida’- Protótipo2 Durante uma sessão do curso de preparo para o parto.



Figura 7-Foto de homens usando a ‘Barriga Grávida’-

Protótipo -Durante uma sessão de relaxamento do curso de preparo para o parto

Lembramo-nos que ao chegarem na sala onde ocorriam as sessões, os casais olharam surpresos para aqueles estranhos objetos, e quando orientamos os homens a vesti-los, houve um misto de risadas e receio. Dentre as dez sessões necessárias para a conclusão do curso, faltavam

seis, e os homens utilizaram o artefato em todas elas, muito embora isso não fosse obrigatório. Chegavam na sala na sessão seguinte e já perguntavam se eles *iriam colocar a barriga hoje*. Também as mulheres fizeram questão de aprender como colocar as ‘barrigas’ em seus maridos.

Durante as sessões, nós, profissionais instrutoras do curso, também utilizávamos o artefato o tempo todo, o que acredito, fez com que os casais se sentissem mais à vontade (Figura 8).

Ao longo do período que podemos chamar de teste inicial, sentimos que o artefato apresentava dimensões e peso que atenderam aos objetivos propostos: possibilitar aos homens sentir mais concretamente algumas das mudanças que a gestação traz (por exemplo, lombalgia causada por lordose, mudança do centro de gravidade, dificuldade respiratória causada pelo peso sob o abdome), o que o levaria a identificar-se com sua mulher grávida.



Figura 8-Foto mostrando uma sessão do curso de preparo para o parto, na qual a instrutora está usando a ‘Barriga Grávida’ juntamente com os casais.

6.4-CUIDADOS PARA MANUTENÇÃO DO PROTÓTIPO

Faremos, a seguir, algumas recomendações técnicas relacionadas aos cuidados e manutenção do artefato.

- Mantê-lo sempre limpo e seco.

- A limpeza deve ser feita separadamente: na parte interna de plástico grosso e maleável utilizar álcool a 70% para desinfecção da superfície. A parte externa poderá ser removida e lavada com água e sabão.
- Guardar e transportar o artefato em locais sem umidade, para que o tecido não mofe.

6.5-INDICAÇÕES PARA USO

Realizar um estudo sempre gera ansiedades em relação à continuidade e aperfeiçoamento. Em se tratando de um invento, abre-se um leque de possibilidades, o que inclui também formas de utilização e novos estudos sobre os possíveis benefícios que a utilização do invento poderá trazer.

Durante todo o processo de criação, vislumbramos sua utilização futura, que finalmente tornou-se sugestão para o uso.

Quem poderia utilizar o artefato?

- Profissionais de saúde e de outras áreas que desenvolvam trabalhos com casais grávidos.
- Escolas de ensino médio e superior que estejam desenvolvendo atividades com temas relacionados ao invento.
- Serviços públicos e privados de saúde que prestam assistência à mulher e à família.

Quando utilizar?

- Durante reuniões e dinâmicas desenvolvidas com casais grávidos.
- Durante aulas em disciplinas voltadas ao contexto da reprodução humana nas escolas de ensino médio e superior.

Como utilizar?

- Como recurso didático na sensibilização e aprendizado dos alunos dos cursos de ensino médio e superior.
- Como recurso didático para sensibilização homens, mulheres e familiares que freqüentam serviços públicos e privados de saúde.

O uso do artefato ‘barriga grávida’ precisa ser avaliado por aqueles que trabalhem com casais, com instrumentos adequados, que permitam perceber se está sendo um diferencial importante na vida dos casais grávidos ou, se usado como recurso didático, tem facilitado e dinamizado o aprendizado e aumentado o interesse de futuros profissionais de saúde para trabalharem com casais na abordagem dos temas maternidade/paternidade e maternagem/paternagem.

Por fim, recomendamos a utilização do artefato como instrumento de intervenção, em estudos comparativos, para identificar conhecimentos, atitudes e práticas do homem em relação à gravidez, paternidade e paternagem.



***7- DISCUSSÃO DOS
RESULTADOS***

Durante o processo de criação tivemos momentos nos quais achávamos que a idéia deveria mudar de rumo, principalmente devido às dificuldades técnicas, como a máquina que não era apropriada para a costura do plástico e do tecido escolhido. Com o empenho das costureiras e algumas adaptações, resolvemos a situação, e mesmo com pouco tempo disponível, entre o horário de trabalho no hospital e os horários do curso para casais grávidos, ficamos mais animadas a seguir em frente. Ao final do segundo e definitivo protótipo, especificamente atendendo ao objetivo inicial de proporcionar condições para auxiliar os homens/pais a experienciarem uma 'barriga grávida', sentimo-nos aliviadas, pois, após superarmos as dificuldades técnicas já citadas, o invento se mostrou de fácil manuseio e confecção.

A utilização inicial do artefato com casais grávidos para observarmos as reações, percepções e aceitação, trouxe dupla satisfação: causou impacto positivo nas vivências e dinamizou as sessões estimulando maior participação através da verbalização das experiências dos casais.

Recebemos apoio da instituição onde foram desenvolvidos os protótipos, e realizamos a confecção dos mesmos com toda liberdade sem ônus para os casais ou profissionais.

Quanto ao protótipo, mesmo tendo considerado suas dimensões e peso adequados ao objetivo proposto, poderíamos dar continuidade a esse trabalho, criando novos modelos que pudessem fazer os homens sentirem-se ainda mais próximos da concretude biológica de estar grávido.

Embora ainda sejam escassos trabalhos que falem dos sentimentos do homem em relação à necessidade de experienciar uma barriga grávida, observou-se ao longo da década de 1990 que vários autores mostram-se preocupados com a importância e o significado dessa barriga para o homem. MONTGOMERY (1993,p630), relata que “ por muito tempo, o papel de pai durante a gravidez foi fazer as vontades extravagantes da companheira, andar de um lado para o outro durante o parto e, depois comemorar o nascimento do filho com a distribuição de charutos”. O que realmente norteou este estudo foi sentir, através do próprio homem, que estas manifestações de ansiedade, este significado de espera, não satisfaz o homem na sua necessidade de sentir-se pai. O homem precisava

efetivamente experienciar parte da concretude biológica de estar grávido, utilizando sua imaginação e transcendendo as limitações físicas.

O homem grávido sente inconscientemente vontade de carregar o filho no ventre, tê-lo dentro de si, pari-lo e amamentá-lo como a mulher, e nem mesmo pode expressar ou aceitar como legítimo um sentimento dessa natureza (ÁVILA, 1993). Durante as sessões, entretanto, pudemos observar entre os participantes, a espontaneidade ao vestir o artefato, como se procurassem satisfazer a necessidade de assemelharem-se à companheira grávida, expressando seu contentamento em ‘possuir uma barriga’.

CASTELAIN-MEUNIER (1993). Cita que “é em torno da interação que integra a igualdade na cabeça e a identidade na prática que se define a paternidade contemporânea”.

Durante as sessões e mesmo nos testes iniciais, observamos de maneira contundente, que o significado da ‘barriga grávida’, reflete para os homens a identidade paterna, na prática, o equilíbrio que se constrói a partir da sensação de maior igualdade com sua mulher grávida.

O artefato que imita uma barriga grávida poderá ser um subsídio para futuras pesquisas dos profissionais que desejem conhecer mais sobre os sentimentos relacionados à paternidade e a necessidade do homem em perceber-se grávido, do ponto de vista psico-socio-cultural.



***8- CONSIDERAÇÕES
FINAIS***

O desenvolvimento de qualquer estudo gera aprendizado e amplia o nível de percepção do mundo e das coisas. Quando optamos por um determinado tema, é porque, de alguma maneira, sentimos a necessidade de suprir lacunas existentes, no paradigma que se apresenta no contexto social em que interagimos, que nos desperta intriga, curiosidade. Criar é uma das maneiras mais gratificantes de satisfazer essa necessidade. A vontade de criar sempre existiu, mas muitas vezes faltou o respaldo e o incentivo para impulsionar as idéias.

Mesmo havendo nos dias de hoje maior participação do homem durante o processo de gestação e na ocasião do parto, vimos a necessidade de criar algo que pudesse não somente fazê-lo participar, mas ser parte incondicional desse processo.

UNBEHAUM (2000) percebe que nos anos de 1990, o tema da paternidade ganha fôlego, em especial, aglutinando a maioria das pesquisas desenvolvidas.

A abordagem de gênero é de fundamental importância para a compreensão do contexto da maternidade e da paternidade, pela influência que as concepções de masculino e feminino tiveram sobre o homem/pai e a mulher/mãe ao longo da história da sociedade ocidental.

A temática ligada à paternidade e maternidade vem ganhando o interesse de muitos pesquisadores que trabalham com casais grávidos, por perceberem, como afirmam ABREU & SOUZA (1999), que muitos pressupostos e estereótipos com relação ao comportamento masculino no ciclo gravídico-puerperal vêm sendo pouco a pouco desfeitos pelo próprio pai, que participa mais e mais da gestação e do parto independentemente de qualquer fator.

Criar um artefato para o homem experienciar parte da concretude biológica de estar grávido é contextualizá-lo no sentir e cuidar, e não apenas no prover e proteger, o que lhe tem sido imposto pelos encargos socioeconômicos e culturais de nossa sociedade.

Quando observamos as expressões dos homens admirando a barriga grávida de suas mulheres, percebemos que eles ainda se sentiam à margem da condição de ‘estar grávidos’.

Realmente nos sentimos iluminados ao desenvolver um processo criativo voltado para o homem/pai, figura importante e fundamental no contexto da maternidade. Com a criação de um artefato que imitou uma barriga grávida, disponibilizamos mais um subsídio para profissionais que trabalham com homens grávidos e se interessam pelos seus sentimentos, acreditando na influência positiva do companheiro sobre a mulher no período gestacional.

“Mesmo que, na maioria dos casos, todos concordem quanto aos degraus que devam ser escalados no processo de criação, ninguém fala sobre as condições necessárias para desenvolvê-lo. Se um profissional não estiver preparado, não importa que conheça as etapas desse processo, pois dificilmente criará com eficiência” (FOSTER, 1997, p.19). As experiências profissionais, e de vida pessoal são fatores fundamentais no comportamento criativo, que segundo PREDEBON (1999), é produto de uma visão de vida, de um estado permanente de espírito, de uma verdadeira opção pessoal quanto a desempenhar um papel no mundo.

Em muitas ocasiões temos sido chamados a criar condições para melhorar o desenvolvimento de um trabalho. Para a confecção do artefato em questão, conseguimos os recursos materiais e humanos para o trabalho artesanal, porém foi necessário dispor de nosso tempo em horários extras para desenvolver a idéia e fazer as modificações necessárias nos protótipos. Toda e qualquer criação demanda tempo, esforço e dedicação.

Todos os objetivos propostos neste estudo foram alcançados. Em relação aos casais, eles utilizaram o artefato e o vestiram com muita satisfação, embora com um pouco de receio no primeiro dia. Isto nos leva a crer que o artefato teve boa aceitação e continuaria sendo aceito se utilizado em outras situações com casais grávidos ou mesmo em dinâmicas de aprendizado com profissionais e alunos.

Esse artefato é apenas o primeiro de outros que poderemos criar, pois nossa vida profissional é sempre muito inspiradora.

Ainda não entramos formalmente com o pedido de patente deste artefato junto ao INPI (Instituto Nacional de Patentes e Invenções), mas pretendemos fazê-lo no ano de 2002.

Fazemos parte do Grupo de Estudos sobre Invenções e Adaptações Tecnológicas em Enfermagem (GIATE) desde 1999, e pretendemos que este estudo incentive outros enfermeiros a criarem novos inventos e adaptações em enfermagem.

Para DIAS *et al.* (1996, p. 105-106), “as descobertas tecnológicas da Enfermagem estão aí colocadas pelas necessidades concretas advindas não do invente por inventar, mas do criar para sobreviver, que faz da enfermeira uma profissional que se relaciona constantemente com outro e potencialmente sujeita a criar, apesar das adversidades”. O que elas criam “destina-se ao capital vivo, inexoravelmente humano, cujos fins e meios tecnológicos encontram ecos nas necessidades daqueles que fazem parte indissociável do processo de cuidar de outros seres humanos”.

Ainda a mesma autora diz que “a conotação de NECESSIDADE a essa produção de instrumentos para o assistir em enfermagem torna-se explicitada nas buscas feitas ao processo de criação, e traz à tona uma questão subjacente à própria produção a qual ficou expressa como CIRCUNSTÂNCIA”. Para Flickninger apud DIAS *et al.* (1996, p. 93), “Criar instrumentos, a partir das circunstâncias em que vive a própria prática profissional de enfermagem, ao lado de criar instrumentos a partir de um projeto de preenchimento de vazios percebidos nesse instrumental, são ambas as posições vertentes convergentes pela criatividade e se mostram, portanto, como indícios da convergência ciência-arte”.

DIAS *et al.* (1996, p. 107) afirmam muito apropriadamente que “os produtos contribuem para maior conforto e menor risco dos trabalhadores e contribuem ainda para reafirmar que a Enfermagem está voltada à assistência das pessoas, além de estimular a prática criativa”.

Os enfermeiros, assim como outros profissionais da área de saúde, ou social poderiam desenvolver mais e melhor suas potencialidades criativas em seu próprio ambiente de trabalho, se mantivessem as mentes receptivas para a criação.

Sugerimos a realização de pesquisas futuras por profissionais que desempenhem atividades e estudos voltados para as questões da maternidade e paternidade, não só em relação ao emprego, uso ou resultados que poderiam ser obtidos com a utilização do invento, como também aperfeiçoamento e criação de novos modelos.



***9- REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS***

- ABREU, Aldira Samantha Garrido Teixeira; SOUZA, Ivis Emília. **O pai à espera do parto: uma visão compreensiva do fenômeno.** Rio de Janeiro: Editora do autor, 1999.
- ARRILHA, Margareth. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: GIFFIN, K.; COSTA, S. H. **Questões da saúde reprodutiva.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- ÁVILA, Ângela Amâncio. **Socorro Doutor ! Atrás da Barriga tem Gente!** São Paulo: Atheneu, 1993
- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão.** 6. ed. Petrópolis: Vozes. 1987.
- BOTTURA JÚNIOR, Wimer. **A paternidade faz a diferença.** São Paulo: Gente, 1998.
- CASTELAIN – MEUNIER, Chistine. **Fiquem ligados, papais!** Os homens diante da mulher e dos filhos. São Paulo: Summus, 1993.
- CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade** – Uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- DIAS, Lígia Paim Muller; MONTICELLI, Marisa; REIBNITS, Kenya Schimidt; LIMA, Marisa. Possibilidades de conhecimento e arte na produção de inventos de enfermagem. **Texto contexto Enfermagem**, v. 5, n. 1 p. 92-101. Florianópolis: jan. / jun. 1996.
- FOSTER, Jack. **Como ter novas idéias: usando a criatividade para êxito de seu negócio.** São Paulo: Futura, 1997.
- GADNER, Howard. ART, Mind and Brain. A cognitive Approach to Creativity, Basic Books, Estados Unidos, 1982. **Mentes que Criam.** Artes Médicas, Porto Alegre, 1996
- GIKOVATE, Flávio. **Homem: o sexo frágil.** 7. ed. São Paulo: M. G. Editores, 1989. 350 p.
- GOMES, Romeu. As questões de gênero e o exercício da paternidade. In: SILVEIRA, Paulo (org) **Exercício da paternidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 179; 180.
- KITZINGER, Sheila. **Um estudo antropológico da maternidade.** Portugal: Presença, 1978.
- KNELLER, G. F. **Arte e Ciência da criatividade.** Trad. de J. Reis. 5. ed. IBRASA, 1978.
- LEAL, Ondina Fachel; BOFF, Adriane de Mello. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (org). **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 119-135.

- MALDONADO, Maria Teresa; NAHOVIR, Jean Claude; DICKSTEIN, Júlio. **Nós Estamos Grávidos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- MONTGOMERY, Malcon. **O Novo Pai, a Dimensão da Paternidade**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993. 119p.
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo, 1993.
- NORONHA, Décio T. **Gravidez situação de crise**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. 97p.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da criatividade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: CUT, 1999.
- OSBORN, Alexander F. **O Poder criador da mente**. Trad. De E. Jacy Monteiro, 4. Ed. IBRASA, 1958.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999
- PREDEBON, José. **Criatividade hoje: como se pratica, aprende e ensina**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1990, v. 15, n. 2, p. 5-22.
- SILVEIRA, Paulo. **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SORJ, B. O Feminino na Encruzilhada da Modernidade e Pós Modernidade. In COSTA, A BRUSCHINI, C. (org) **Uma Questão de Gênero**, São Paulo/Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.
- STOLTZ, Tania. **Capacidade de Criação: Introdução**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- UNBEHAUM, Sandra G. Experiência Masculina da Paternidade no anos 90: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias. **Dissertação de mestrado, USP: São Paulo, 2000**
- VIZZOTO, Marília Martins. Psicodinâmica da Paternidade: Um Estudo sobre Homens que Esperam pelo Nascimento de seu Filho. **Tese Doutorado. UNICAMP – Campinas, São Paulo, 1994**